



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

JACQUELINE FREIRE COSTA MATIAS ALVES DE OLIVEIRA

**“UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* NO PROCESSO ENSINO E
APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS”**

MACEIÓ - AL
2016

JACQUELINE FREIRE COSTA MATIAS ALVES DE OLIVEIRA

**“UTILIZAÇÃO DO *FACEBOOK* NO PROCESSO ENSINO E
APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS”**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Brasileira, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Cleide Jane de Sá Araújo Costa.

MACEIÓ - AL
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

O48u Oliveira, Jacqueline Freire Costa Matias Alves de.
“Utilização do Facebook no processo ensino e aprendizagem: possibilidades e práticas pedagógicas” / Jacqueline Freire Costa Matias Alves de Oliveira.
– 2016.

123 f. : il.

Orientadora: Cleide Jane de Sá Araújo Costa.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas.
Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 93-99.

Anexos: f. 100-123.

1. Práticas pedagógicas. 2. Mídias na educação. 3. Tecnologias na escola.
4. Facebook. I. Título.

CDU: 371.018.43:004.81



Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Utilização do facebook no processo ensino e aprendizagem: possibilidades e práticas pedagógicas

JACQUELINE FREIRE COSTA MATIAS ALVES DE OLIVEIRA

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 23 de maio de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cleide Jane de Sá Araújo Costa (PPGE/CEDU/UFAL)
(Orientador)

Prof. Dr. Elton Casado Fireman (PPGE/CEDU/UFAL)
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Arturo Hernandez Dominguez (MMCCIC/UFAL)
(Examinador Externo)

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Silva Freitas (UFAL)
(Examinadora Externa)

À minha família pela compreensão e apoio dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu apoio e incentivo, e a quem também dedico este trabalho. A Meu esposo Júnior, que sempre me impulsionou a seguir em frente; à minha mãe Josinúbia, por seu exemplo, e ao meu filho José Miguel, por quem faço todos os sacrifícios;

À minha orientadora, Prof.^a. Dr.^a. Cleide Jane de Sá Araújo Costa, por me ensinar, incentivar e não me deixar desistir;

À Ufal, por ser desde a minha infância, minha segunda casa;

Aos professores participantes da pesquisa e aos membros da banca, pelas sugestões e discussões tão bem-vindas e que muito me ajudaram;

Aos meus colegas da Assessoria de Comunicação da Ufal, e aos muitos amigos sempre presentes nas palavras de incentivo e de força, muito obrigada.

“Procure cumprir bem a tarefa que
você recebeu no serviço do
Senhor”.

(Col. 4, 17)

RESUMO

O presente estudo envolve uma pesquisa sobre as possibilidades de utilização do *Facebook*, enquanto apoio no processo ensino e aprendizagem da formação no ensino superior presencial e nas práticas pedagógicas envolvidas neste processo. A questão que dirigiu este trabalho abrange de que modo o *Facebook* pode ser utilizado como estratégia didática. São objetivos desta pesquisa identificar os professores que já utilizam as redes sociais virtuais; fazer um estudo comparativo entre a plataforma *Moodle* e a rede social *Facebook*; e observar as possibilidades de uso deste em sala de aula, como uma alternativa complementar ao ambiente de ensino. Para alcançar esses objetivos, foram aplicados questionários com perguntas objetivas e subjetivas com 45 professores da Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió; sendo que 21 utilizam a rede social *Facebook* em suas práticas pedagógicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de estudo de caso e realização de entrevistas estruturadas. Inicialmente, serão discutidas a fundamentação teórica para este estudo e o conceito de redes sociais e sua aplicabilidade para o ensino, com base nos textos de Coll e Monereo (2010), Recuero (2009/2016) entre outros. Logo em seguida serão apresentadas as bases metodológicas da pesquisa e a análise e interpretação dos dados, estes fundados numa abordagem qualitativa. Os resultados deste estudo apontam que o uso do *Facebook* pode trazer grandes benefícios para a aprendizagem, mas também sinalizam a necessidade de uma formação continuada de professores em redes sociais na educação, a fim de incentivar o uso da ferramenta como meio de se criar uma cultura tecnológica e incentivar o aprendizado colaborativo.

Palavras-chave: *Facebook*. Práticas pedagógicas. Possibilidades em educação.

ABSTRACT

This study involves a survey of the possibilities of using Facebook as support in the teaching and learning of training in the classroom higher education and pedagogical practices involved in this process. The question that directed this work covers how Facebook can be used as a teaching strategy. The objectives of this research to identify teachers who already use virtual social networks; make a comparative study between the Moodle platform and social network Facebook; and observe the possibilities of using this in the classroom, as a complementary alternative to the learning environment. To achieve these objectives, questionnaires were applied with objective and subjective questions with 45 teachers from Federal University of Alagoas - Campus Maceió; of which 21 use the social network Facebook in their teaching practices. This is a qualitative research through case study and conducting structured interviews. Initially, it will be discussed the theoretical basis for this study and the concept of social networking and its use for teaching based on Coll and Monereo texts (2010), Recuero (2009/2016) among others. Soon after the methodological basis of the research and the analysis and interpretation of data will be presented, they founded a qualitative approach. The results of this study indicate that the use of Facebook can bring great benefits to learning, but also signal the need for continued training of teachers on social networks in education in order to encourage the use of the tool as a means of creating a culture technological and encourage collaborative learning.

Keywords: Facebook. Pedagogical practices. Education possibilities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portal Brasil.....	19
Figura 2 – Página de <i>login</i> no <i>Facebook</i>	35
Figura 3 – Página inicial do <i>Facebook</i>	37
Figura 4 – Criando um grupo no <i>Facebook</i>	38
Figura 5 – Potencialidades e ferramentas do <i>Facebook</i>	39
Figura 6 – Página Inicial do Solar	45
Figura 7 – Página Inicial do TelEduc	46
Figura 8 – Projeto Amadeus	46
Figura 9 – <i>Moodle</i> UFAL	49
Figura 10 – Saudação ao grupo	82
Figura 11 – Interações	82
Figura 12 – Interações	82
Figura 13 – Abertura do grupo	84
Figura 14 – Comentário de aluno	85
Figura 15 – Comentário de aluno	85
Figura 16 – Interações	86
Figura 17 – Interações	86
Figura 18 – Comentário de professor	87
Figura 19 – Interações	116
Figura 20 – Interações	116
Figura 21 – Interações	117
Figura 22 – Interações	117
Figura 23 – Interações	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo	65
Gráfico 2 – Escolaridade	65
Gráfico 3 – Idade	66
Gráfico 4 – Uso do <i>Moodle</i>	67
Gráfico 5 – Redes Sociais	68
Gráfico 6 – <i>Facebook</i>	69
Gráfico 7 – Uso do <i>Facebook</i> em sala	70
Gráfico 8 – <i>Facebook</i> motiva o aluno?	72
Gráfica 9 – É possível usar o <i>Facebook</i> onde não há <i>Moodle</i> ?	74
Gráfico 10 – Há concorrência entre <i>Moodle</i> x <i>Facebook</i>	76
Gráfico 11 – <i>Facebook</i> pode ser usado em qualquer disciplina?	78
Gráfico 12 – Deixaria de usar o <i>Facebook</i> hoje?	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Semelhanças e diferenças entre <i>Facebook</i> e <i>Moodle</i>	52
Quadro 2 – Comparação entre <i>Facebook</i> e <i>Moodle</i> a partir de seus recursos/ferramentas	53
Quadro 3 – Motivação para uso do <i>Facebook</i> em sala	108
Quadro 4 – <i>Facebook</i> motiva o aluno?	110
Quadro 5 – Vantagens do uso do <i>Facebook</i>	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
EAD	Educação a Distância
LMS	Learning Management System
MEC	Ministério da Educação
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....
2	REDES SOCIAIS E <i>MOODLE</i> : CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES.....
2.1	Redes sociais e TDIC.....
2.2	Redes sociais e Interação.....
2.3	Uso do <i>Facebook</i> como extensão no processo ensino e aprendizagem.....
2.3.1.	Surgimento do <i>Facebook</i>
2.3.2	Características e funcionalidades do <i>Facebook</i>
2.3.3	Potencialidades do <i>Facebook</i> enquanto ambiente de aprendizagem.....
2.4	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
2.5	Conceituando o <i>Moodle</i>
2.5.1	Características e funcionalidades do <i>Moodle</i> /UFAL.....
2.5.2	<i>Facebook</i> e <i>Moodle</i>
2.6	Práticas pedagógicas em Ambientes Virtuais
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....
3.1	Problema e Hipóteses.....
3.2	Objetivos da pesquisa.....
3.3	O campo da pesquisa.....
3.4	A amostra.....
3.5	Metodologia.....
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
	REFERÊNCIAS.....
	ANEXOS.....

1 INTRODUÇÃO

Este estudo inscreve-se na área de pesquisa das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), com o objetivo de responder à pergunta sobre como o *Facebook* pode ser utilizado como uma estratégia didática. Ou seja, “como o Facebook pode ser utilizado enquanto apoio no processo ensino e aprendizagem?”. Sendo as redes sociais on-line espaços amplamente acessados, supõe-se que seu uso pelos professores pode servir de estímulo ao aprendizado.

É de conhecimento geral que, a cada dia, mais professores cadastram perfis nas redes sociais (*Facebook*, *YouTube*, *Twitter* e afins), com inúmeros objetivos, sejam eles pessoais ou profissionais. Dentro dessas redes, encontram-se ambientes reservados — a exemplo de grupos fechados e secretos, que podem ser considerados como espaços de aprendizagem. Isso pode trazer mais motivação no processo de ensino “além do espaço-escolar”, pois se parte do princípio de que boa parte dos alunos já possui perfil nessas redes. Assim, os grupos de estudantes e professores podem sair do meio presencial, trabalhando virtualmente sob a coordenação do professor, e aumentando o potencial do aprendizado.

Esta pesquisa teve início ainda no momento da seleção do mestrado em Educação, quando a pesquisadora quis unir a proximidade das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, com as Redes Sociais e o Jornalismo, este último que é seu curso de formação inicial. Este tornou-se um ponto de atração para que este estudo fosse iniciado, de forma a manter a relação da formação primária do mestrado, promovendo uma interligação entre as duas áreas: Comunicação e Educação.

Supondo que o uso das tecnologias na educação pode favorecer a comunicação entre os participantes do processo ensino e aprendizagem, mais especificamente professor e alunos, este estudo parte da ideia de que buscar meios que promovam maior interação entre esses atores por meio das redes sociais, pode ser um fator que auxilie a criação de novas estratégias de ensino.

São objetivos desta pesquisa analisar o uso do *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem, verificando elementos que podem contribuir para a aprendizagem em rede; identificar os professores que já utilizam as redes sociais virtuais; observar semelhanças e diferenças nas ferramentas do *Moodle* e *Facebook*; fazer um estudo comparativo entre a plataforma *Moodle* e a rede social *Facebook*; e,

observar as possibilidades de uso do *Facebook* em sala de aula on-line (grupo), como uma alternativa complementar ao ambiente de ensino.

Para alcançar esses objetivos, foram aplicados questionários com perguntas objetivas e subjetivas com 45 professores da Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió; sendo que 21 utilizam a rede social *Facebook* em suas práticas pedagógicas.

Dentro do universo da pesquisa, escolheu-se a rede social *Facebook* por permitir acesso gratuito e por seu grande número de usuários na atualidade, conforme será detalhado no capítulo 1 deste trabalho. Os professores foram escolhidos de forma aleatória, pelos que concordaram prontamente em participar da pesquisa, dentro de algumas especificidades, como ser professor da Universidade Federal de Alagoas e atuar em cursos de formação de professores (Pedagogia e licenciaturas) na modalidade presencial.

Na construção do conhecimento, faz-se necessária a presença de um professor mediador, que considere o homem como preocupação central (SAVIANI, 2005, p 65). Ele é um personagem essencial para o processo educativo, daí a problemática desta pesquisa colocar o foco no professor, que é parte de um grupo prioritário e estratégico para qualquer melhoria dos sistemas educacionais (BELLONI, 2009, p 86).

Para Seabra (2010, p 24), o uso do computador exige um professor preparado, dinâmico, que seja também investigativo e esteja pronto para tirar as dúvidas de um aluno que pesquisa na internet. O que é reafirmado por Moran (2000, p.11), quando diz que “muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais”. Isso porque com as TIC as aulas convencionais estão se tornando ultrapassadas, e o ambiente formal de aprendizagem sente-se pressionado a mudar, a se interconectar. Para o autor, o ser humano aprende pelo prazer, porque gosta e se identifica com determinado assunto (MORAN, 2000, p 17).

Na Universidade Federal de Alagoas, as tecnologias podem estar presentes nas disciplinas na forma de fóruns, tarefas, *wikis* e *chats*, dentro da plataforma *Moodle*¹, e mais, tanto as disciplinas a distância como as presenciais podem ser

¹ O *Moodle* é um *Course Management System* (CMS), também conhecido como *Learning Management System* (LMS) ou Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Ele é um aplicativo *web* gratuito que os educadores podem utilizar na criação de sites de aprendizado eficazes. (Em: Moodle.org, acesso em 30 de janeiro de 2013).

apoiadas por este AVA, onde uma vasta gama de cursos e alunos são atendidos pela Coordenadoria Institucional de Educação a Distância da Ufal (CIED).

Por outro lado, chama a atenção o grande número de estudantes e professores que são membros de alguma rede social, principalmente o *Facebook*, que continua crescendo em acessos e que hoje agrega diversas funcionalidades. O espaço da rede também vem sendo usado para atividades educacionais, discussão de temas e até é utilizado como espaço de encontro entre os participantes de turmas na Universidade, sendo ponto de partida até para que se realizem manifestos e grupos de discussão. Muito recentemente, outra rede social que vem ganhando destaque nesse “agrupamento” de turmas de alunos e professores é o *Whats App*, este, mais presente nos *smartphones*, e ainda sem todas as funcionalidades do *Facebook*.

No entanto, chama a atenção o fato deste campo de estudo ser um espaço ainda pouco explorado; apesar de alguns pesquisadores já visarem o *Facebook* como alternativas para o ensino, a exemplo de Rossaro (2010), Souza e Schneider (2012), Mattar (2011/2012), Prensky (2010) e Recuero (2005/2009). Encontram-se pesquisas que analisam o olhar do aluno sobre o uso do *Facebook* como ambiente de ensino, mas até o momento não se contabilizou grande número de estudos que busquem discutir o olhar do professor.

Atualmente, encontrar novas alternativas para o ensino e novas maneiras de estimular os alunos com base nas tecnologias pode ser uma tendência do professor conectado com as TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. Com isso, aumenta-se a gama de fontes e locais de pesquisa. Um professor que não procura inserir-se nesse contexto, conhecendo as novas tecnologias e as redes sociais, tende a ser excluído do que acontece nas discussões dos seus estudantes.

Este estudo fundamenta-se numa abordagem qualitativa, cujo tipo de estudo exploratório e descritivo foi utilizado como meio de proporcionar maior familiaridade com o problema para então torná-lo mais explícito (GIL, 2010, p 29). O instrumento de pesquisa escolhido para coleta de dados foi o questionário, construído com base em entrevistas estruturadas. Os questionários tinham como foco o uso do *Facebook* como recurso de apoio às atividades de ensino e ambiente virtual de aprendizagem. Os mesmos foram enviados por e-mail, ou respondidos e entregues à pesquisadora, ou respondidos pessoalmente. A escolha pelos professores de Pedagogia e

licenciaturas foi realizada por serem docentes ligados essencialmente à formação de novos educadores.

Quanto à organização dos capítulos, esta pesquisa inicia-se com a Introdução e divide-se em três capítulos e Considerações Finais. Inicialmente, será apresentada uma conceituação das redes sociais e outros ambientes de aprendizagem, de forma a caracterizar as redes sociais on-line, destacando em que aspectos o *Facebook* como uma rede social pode se assemelhar a um AVA, a exemplo da plataforma *Moodle*, oficialmente utilizada pela Instituição de Ensino Superior pesquisada.

Assim, no primeiro capítulo será abordada a conceituação de redes sociais, com ênfase no *Facebook* e *Moodle*, passando por suas características e potencialidades, utilizando-se de uma comparação entre os dois ambientes. Já no segundo capítulo, será apresentado o percurso metodológico que fundamentou esta pesquisa, onde também serão apresentados a amostra da pesquisa, o local onde a mesma foi realizada e o tipo de pesquisa e métodos escolhidos para a análise e confrontação dos dados. Em seguida, no terceiro capítulo, apresenta-se a análise e interpretação dos dados, com toda a discussão sobre os resultados e gráficos obtidos. A análise tentou observar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores no espaço da rede social. Foram observadas as interações em quatro grupos no *Facebook* e os resultados dos questionários com as reflexões que abordam as possibilidades de utilização da rede social citada como apoio à sala de aula e suas práticas pedagógicas.

Ao final, seguem as considerações e resultados da pesquisa, enfatizando a necessidade de mais incentivo ao uso das redes sociais na educação, com a aplicação de capacitações e formações para os professores, de modo que as práticas pedagógicas e metodologias de ensino e aprendizagem contribuam para a construção do conhecimento coletivo, sejam assim inovadoras e acompanhem a evolução das tecnologias.

O uso do *Facebook* como apoio à formação de professores na modalidade de ensino presencial pode trazer benefícios à aprendizagem, conforme será discutido ao longo deste trabalho. No entanto, é necessário destacar que o que se pretende não é a substituição do AVA institucional pelo *Facebook*, mas colocar esta rede social, bem como as outras, como uma aliada no ensino, um complemento, um artifício que pode ser usado pelo professor não somente para chamar a atenção do

aluno e motivá-lo na busca do saber a partir das tecnologias, mas principalmente, fazê-lo ver as redes sociais com olhos curiosos, para além do entretenimento e da diversão. Aprender nas redes sociais pode significar estar inserido na cultura tecnológica tão massificada no mundo atual.

2 REDES SOCIAIS E *MOODLE*: CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES

As redes de relacionamento ou redes sociais preconizam a interação, a troca social (RECUERO, 2009, p 30). Com o advento da internet e da *Web 2.0*, foi possível tornar essas redes ainda maiores e fazer com que ligassem pessoas em posições geográficas cada vez mais distantes. Essa mudança de comportamento trouxe a conhecida “Sociedade da Informação”, definida por Coll; Monereo (2010), como uma nova forma de organização.

uma nova forma de organização econômica, social, política e cultural, [...], que comporta novas maneiras de trabalhar, de comunicar-se, relacionar-se, de aprender, de pensar, e, em suma, de viver. (COLL; MONEREO, 2010, p. 15)

Esta forma de se relacionar a distância, cada vez mais comum, tem sido bastante beneficiada pelo avanço das tecnologias e o surgimento de novas ferramentas para acesso à internet (diga-se celular, *tablet*, *iPhone*, *iPad*, entre outros), que possibilitam ao usuário, estar “on-line” 24 horas por dia. As redes sociais on-line, “comunidades ou grupos de pessoas que se relacionam entre si dentro da internet” (RECUERO, 2009), também contribuem significativamente para essa permanência no mundo virtual. Essa interação mediada pelo computador cria relações sociais e estas, por sua vez, ainda conforme Recuero (2009), geram laços sociais.

As redes sociais possuem como principal característica a possibilidade de interação. Neste sentido, elas são formas de relacionamento, mediadas ou não por sistemas informatizados, que permitem o compartilhamento de informações entre pessoas com interesses e objetivos comuns, como uma aula dinâmica de uma universidade, ou um bate-papo informal entre os pacientes numa sala de espera (CORDEIRO et al. 2012, p 5). Quando se permite a troca de informações, cria-se uma rede com possibilidades de interação.

Na internet, essas redes pressupõem uma comunicação rápida e troca de diversos tipos de informação (textos, imagens, vídeos, etc). No Brasil, as redes sociais on-line são bastante acessadas, estando inclusive entre os que mais participam e interagem no mundo². Instituições de ensino em todo o país fazem uso

²<<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/>>.

das ferramentas das redes sociais para divulgar suas ações, ensinar seus públicos sobre cidadania e direitos, e realizar ações de interação.

O Ministério da Educação, por meio do Portal Brasil, divulgou em 2014 uma lista de *sites* e páginas em redes sociais que auxiliam os estudantes a revisarem as matérias do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Segundo o portal, “as redes sociais podem auxiliar a otimizar os estudos e fixar conteúdos” (BRASIL, 2014).

Figura 1 - Portal Brasil



Fonte: BRASIL, 2014

Nesta perspectiva, os usuários cadastram-se nos grupos e páginas das redes sociais e podem acompanhar aulas, tirar dúvidas e participar de grupos de estudos específicos para a prova do ENEM, conforme ilustração da figura 1.

Em Alagoas, a Secretaria Municipal de Educação de Maceió, realizou em julho de 2015 um encontro com 120 adolescentes com idades entre 15 e 17 anos e promoveu, além de palestras sobre diversos temas (projetos de vida, mídias sociais, Senac, Instituto Federal e outros), um debate sobre as vantagens e desvantagens do uso das redes sociais no ambiente escolar. Na Universidade Federal de Alagoas, já existe inclusive uma pós-graduação no Centro de Educação que trata do tema das

Mídias em Educação. Esses são alguns exemplos de como as redes sociais estão se inserindo no contexto educativo.

As redes sociais on-line são hoje uma ferramenta de comunicação com várias possibilidades junto à educação formal, conforme este trabalho se propõe a observar. Recuero (2009) explica que o estudo sobre o uso de redes sociais na internet com fins educativos e pedagógicos possibilita pensar a educação mediada por computador, as interações que são geradas por meio dessa mediação e as trocas sociais que acabam por impactar hoje mais do que em qualquer outro momento, transformando a estrutura da sociedade. De fato, as redes sociais estão cada vez mais presentes na vida de todos, seja na escola, seja trabalho ou em casa.

Ainda segundo Recuero (2009), as redes sociais são formadas por um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões. Sendo os atores um grupo formado por pessoas, instituições ou grupos e as conexões, formadas pelas interações ou laços sociais percebidos pelo primeiro grupo.

Estas conexões necessitam de certos aparatos ou ferramentas para que as interações que delas surgem aconteçam de forma eficiente. É muito comum hoje encontrar estudantes com uma intimidade maior com as tecnologias, o que por si só já permite aos professores e educadores em geral aproveitarem os espaços das redes sociais como ferramentas para educar, inclusive incentivando a busca do saber pelos alunos que ainda não tiveram contato com as TDIC, tendo em vista que, para muitos, o contato com a internet e os computadores não acontece mais somente na escola.

Barbosa e Batista (2011), em seu artigo “As mídias sociais na educação”, reforçam a ideia de que a utilização das TDIC, nas quais as redes sociais se incluem, pode ser um fator importante na educação formal, porém somente quando o profissional está preparado para o uso adequado dessas ferramentas, transformando-as em instrumentos de socialização do conhecimento e da informação.

De acordo com a pesquisa, todos os participantes entrevistados relataram considerar o acesso à informação e aos meios de comunicação, conseqüentemente à internet e às redes sociais, importantes para qualquer sujeito. As autoras falam ainda que, em pesquisa realizada com alunos, percebeu-se que na sociedade atual “é primordial estar bem informado, saber acessar, analisar, interpretar, criticar e

questionar as informações que recebem por esses meios”. (BARBOSA; BATISTA, 2011, p. 3)

Percebe-se, assim, que as redes sociais estão presentes em todos os lugares, para quem quiser usar, entretanto nem todos tem o conhecimento de para que elas servem, ou como usá-las dentro de um contexto educativo. Urge a necessidade de maiores estudos sobre inteligência coletiva, autonomia, democratização da cultura, realidade virtual, mídias sociais, redes sociais e tantos outros temas que, por mais que já sejam objetos de estudos, ainda não são amplamente conhecidos pela população. Inclusive para esses estudos, muito pode contribuir o uso das TDIC, tanto na formação de professores, como no contato entre professores e alunos.

2.1 Redes sociais e TDIC

Antes de conceituar as redes sociais e o *Facebook*, é relevante diferenciar o que são mídias digitais de mídias sociais. Além disso, é importante frisar que o surgimento de todas essas denominações aconteceu após a chegada da *Web 2.0*, que transformou a internet com a chamada bidirecionalidade, fazendo com que a troca de informações fosse “interativa”.

Bem diferente da *Web 1.0*, quando apenas era possível acessar dados e o internauta era um “espectador”, na *Web 2.0*, o internauta passa a ser um produtor de conteúdo, um protagonista que tem a oportunidade de inserir e editar dados e informações, além de interagir com outros internautas dentro das mais diversas redes de relacionamentos (LORENZO, 2011).

Segundo Lorenzo (2011), mídias digitais são as mídias eletrônicas, ou seja, meios de comunicação que não requerem necessariamente produção de conteúdo, nem relações interpessoais. É o caso do celular, da TV e da própria internet. Dentro das mídias digitais estão as mídias sociais, que são aplicações para internet que permitem a criação e troca de informações, baseando-se nos princípios da *Web 2.0*. A partir daí temos os *blogs*, sites de compartilhamento, micro *blogs* (a exemplo do *Twitter*) e as redes sociais.

Já as redes sociais são redes ou comunidades que permitem o relacionamento pessoal e/ou profissional entre seus usuários. Segundo Recuero (2009), rede social é interação, é troca social. São relações interpessoais mediadas

por computador, que acontecem por meio da interação. Essas redes permitem compartilhar fotos, arquivos em geral e informações, além da formação de grupos por afinidade, criando comunidades virtuais, onde podem acontecer discussões e debates sobre temas variados.

De acordo com Lorenzo (2011), citando Recuero, as redes sociais são todas as relações em *sites* que envolvam usuários com um perfil criado para troca de informações e que permitam a aproximação destes usuários em comunidades com o objetivo de conectar os mesmos interesses em rede, criando-se o chamado vínculo social.

As primeiras redes sociais surgiram no fim da década de 1990, com o lançamento de um *site* chamado *SixDegrees*. Conforme Lorenzo (2011) e Rosa & Santos (2013), este foi o primeiro site a dar acesso ao público em geral e a possibilitar a criação de um perfil virtual e a publicação de contatos, o que viabilizou a navegação em perfis de outros usuários. A partir do ano 2000, após o êxito das primeiras comunidades, surgiram muitos outros exemplos de redes sociais, grande parte deles não existe mais e novas outras surgem todos os dias.

É importante lembrar que as redes sociais surgiram junto com o homem, já que o termo “redes sociais” indica interação e trocas sociais. O hábito de interagir on-line, por sua vez, surgiu com o e-mail, em meados dos anos 1990. Essa necessidade de interagir virtualmente levou à criação dos *chats*, já que o e-mail não possibilitava uma comunicação síncrona. A partir de então, foram criados o Mirc, o ICQ e os serviços de bate-papo em sites. Em seguida, os bate-papos evoluíram para MSN e logo depois *Skype*, com a possibilidade de comunicação não apenas por texto, mas agora também por voz e vídeo³.

As primeiras redes sociais tal como são conhecidas hoje foram o *MySpace* (2003), *Orkut* e *Facebook* (2004). Em 2006, apareceu o *Twitter* e, recentemente, em 2010 o *Pinterest* e o *Google +*, entre outras.

No entanto, utilizadas num contexto educativo, as tecnologias têm sido observadas desde o início do século XX no Brasil e na modalidade a distância (ALVES, 2009). A criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, ajudou nesse processo, com ações em prol da educação popular e difusão de cursos. Esse momento foi também considerado como a primeira iniciativa tecnológica nos meios

³ <<http://www.insite.pro.br/saladeaula/fabricia.pdf>>.

de comunicação no Brasil, colocando as TDIC a favor da educação a distância (ALVES, 2009).

As tecnologias presentes na educação a distância nessa época acabaram por propagar ainda mais os cursos por correspondência, pois, com a possibilidade desses estudos serem feitos via rádio e em seguida pela televisão, tudo ficou mais simples e acessível. O surgimento da internet e das redes sociais vem difundir ainda mais esse processo, mas isso só acontece tempos depois.

Mesmo assim, Alves (2009) conta que a Educação a Distância (EAD) no Brasil teve sua história marcada por avanços e retrocessos. Segundo ele, até 1970 o país era um dos principais do mundo no que se referia a esta modalidade de ensino. Depois disso, o país estagnou e outras nações avançaram; somente no fim do milênio é que o Brasil retoma o rumo.

Apenas em 1996, quando foi publicada a Lei Darcy Ribeiro, Lei Nº 9.394 - de 20 de dezembro de 1996, é que a EAD começa a ter uma regulamentação própria e iniciam-se maiores investimentos na área. É então que são definidos os conceitos de educação a distância e as condições para validação de cursos e credenciamento de instituições.

Educar a distância apesar de não ser uma modalidade nova de ensino, precisa se autorreinventar sempre, pois democratiza o acesso à educação e evolui a cada dia, junto com as tecnologias (novos modelos de computadores, *softwares*, novas redes sociais) que surgem a todo o momento. A EAD transpõe obstáculos que antes pareciam impossíveis, levando o ensino às partes mais longínquas do país. Essa modalidade vem ganhando espaço e driblando preconceitos, constituindo um meio de fazer a população avançar cada vez mais.

Este trabalho abstém-se de falar sobre os conceitos da Educação a Distância, pois esse não é o foco. No entanto, esta pesquisa trabalha diretamente com o papel do docente no ensino nas redes sociais, mais precisamente no *Facebook*, e então fazem-se necessárias algumas considerações.

Primeiro, as interações realizadas na EAD são mais complexas que as presentes na educação presencial (BELLONI, 2006). Isso porque, além de necessitar de todo um suporte tecnológico, ela acontece de forma indireta, tanto no espaço (a distância), quanto no tempo (não simultânea).

Segundo Moran (1998), o foco da aprendizagem hoje se baseia na busca de informação significativa, de pesquisa, na qual os projetos são estruturados em conteúdos específicos. A internet é uma mídia fundamental para a pesquisa e o acesso a portais de busca é necessário para facilitar o acesso. Moran diz ainda que o educador continua sendo importante, mas não é mais um informador, e sim um mediador e organizador de processos. O papel do professor é cada vez mais nobre, menos repetitivo e mais criativo.

A implantação de ambientes colaborativos de aprendizagem por meio das mídias digitais pode ser a chave para o uso dessas mídias dentro do ambiente de educação formal. Segundo Silva e Claro (2007), a mediação da aprendizagem baseia-se no conceito de ZDP, que vem da teoria de Vygotsky e delega um novo papel ao professor, não deixando dúvidas sobre as dimensões colaborativa e dialógica da aprendizagem.

Para Mauri e Onrubia (2010), os grandes desafios dos professores atuais são, dentre outros:

- Fazer com que os alunos usem as informações que recebem a todo o momento de maneira organizada e atribuindo a elas significado e sentido;
- Fazer com que eles desenvolvam a capacidade de gestão do aprendizado, do conhecimento e da formação;
- Tenham a necessidade de aprender e fundamentar o próprio ponto de vista. O aluno precisa aprender a conviver com a relatividade das teorias e a incerteza do conhecimento, formando sua própria visão de mundo.

Dentre os papéis do professor atual, destacam-se:

- Pedagógico – desenvolvendo processos eficazes de aprendizagem on-line;
- Social – criando um ambiente de aprendizagem com um clima emocional e afetivo confortável;
- Organização e Gestão – estabelecendo um projeto educacional adequado, incluindo animar os envolvidos;
- Técnico – atuando de forma a ajudar os alunos, para que eles se sintam competentes e confortáveis com os recursos e ferramentas que configuram o ambiente virtual.

O papel da escola em sua forma tradicional de organizar as experiências e processos de aprendizagem é afetado por mudanças importantes: o aumento de ofertas educacionais formais e informais; o peso dos meios de comunicação de massas e da internet; o surgimento de espaços formativos que reproduzem de maneira considerável as limitações de tempo e espaço da escola tradicional e cujo caráter é flexível e personalizável; a ampliação e diversificação dos referenciais formativos; etc. (MAURI; ONRUBIA, 2010, p. 118).

A inserção das tecnologias nas atividades cotidianas, que mudam a todo instante nossa maneira de agir frente aos mais diversos problemas, tem feito com que aconteçam mudanças não só na forma de resolver os problemas do dia a dia, mas tem interferido indiscutivelmente na maneira de ensinar e aprender. Para os autores, a internet favorece a construção cooperativa e colaborativa, o trabalho conjunto entre professores e alunos, de forma física ou virtual. Desta forma, é possível participar de uma pesquisa em tempo real, de um projeto entre vários grupos, de uma investigação sobre um problema de atualidade, ou até mesmo de um trabalho feito por meio de programas como o *Skype*. (MONEREO; POZO, 2010, p. 98)

Esse “mundo tecnológico”, do qual nos fala Monereo & Pozo (2010), tem pressuposto que professores descubram novos métodos de ensino, e alunos se encantem por novos modos de aprender. Para tanto, é necessário que haja uma reestruturação de hábitos. Os autores falam que estamos passando por uma crise na educação, agravada pelas chamadas “brechas digitais”.

Essas brechas são nada mais que a dificuldade que algumas pessoas ainda encontram de ter acesso às tecnologias, seja por motivos econômicos, seja de gênero (é notável ainda um maior acesso para o público masculino), seja políticos. Países como o Brasil, com grandes abismos sociais, são vítimas do que poderíamos chamar de abismos digitais, em que, enquanto uma parte da população tem acesso às últimas novidades tecnológicas, outra grande parte não tem acesso nem às necessidades básicas – comida, moradia, saúde. (MONEREO; POZO, 2010, p. 98)

Essa mudança de época, provocada em muito pelo avanço tecnológico, é o que faz necessária uma revolução na educação, em que os conflitos sejam resolvidos por todos, de maneira coletiva, e a aprendizagem aconteça em prol do crescimento do grupo. Ainda segundo os autores em questão, com a chegada das

tecnologias de informação e comunicação, a realidade pode então ser reconstruída, de maneira que o resultado corresponda a um modelo que tem sua origem na realidade percebida.

Os atuais recursos digitais possibilitam aos alunos saírem do modelo tradicional de ensino — no qual são personagens passivos que recebem o conhecimento —, para se tornarem autores e produtores de conteúdo, personagens ativos, que interagem com seus pares construindo um aprendizado que pode ou não ser aquele que foi pensado na elaboração do currículo.

No entanto, há que se frisar que esse novo aluno depende de uma série de fatores; ele só passa a existir quando tais fatores favorecem a isso. Um ambiente virtual que transfira o modelo tradicional de ensino presencial para o on-line não favorece a interação e, portanto, não colabora para um aluno com iniciativa para o aprendizado.

Segundo Maia e Mattar (2007), há algumas atividades que podem ser desenvolvidas em prol desse novo aluno, de forma a incentivar um comportamento autônomo e colaborativo: atividades como os fóruns, nos quais os alunos postam seus comentários a partir de um tema previamente discutido/lido, podem ser melhoradas a partir da solicitação de que a cada fórum um aluno fique responsável por iniciar as discussões, outro por finalizá-las e, ainda, alguns alunos podem desempenhar papéis diversos, como o de mediador, questionador, comentarista, etc.

Na discussão de artigos, ou apresentação de seminários, os alunos podem ter a opção de escolher com quais autores/temas desejam trabalhar; podem sugerir/votar os temas a serem discutidos primeiro; ou ainda, podem comentar os trabalhos uns dos outros de forma a darem um *feedback* sobre o que aprenderam.

Essas possibilidades de inovação das atividades, promovem um desenvolvimento ainda maior do aluno, criando novas formas de aprender e de construir o conhecimento. Os alunos passam assim a ter múltiplas atividades em sala de aula, sendo produtores de conteúdo junto ao professor, que passa a ser um mediador do conhecimento, não mais o único detentor do saber.

Novas formas de aprender são uma necessidade atual. Por causa do uso massivo das tecnologias, há uma necessidade cada vez maior de imediatismo e de respostas prontas e rápidas para o consumo. Há uma necessidade constante de atualização dos aparatos tecnológicos que, por sua vez, devem ser acompanhados

pela necessidade de atualização do saber como utilizar esses novos aparatos. Mais aparelhos, mais produtos ultrapassados, mais atualizações. É um ciclo que parece não ter previsão de ter fim. Há sim, uma nova necessidade: para trabalhar com os alunos atuais, deve surgir um professor atual.

A Educação a Distância proporciona facilidade em relação ao tempo de permanência presencial na faculdade, entretanto alunos que não possuem comprometimento e autonomia para resolver as questões relacionadas ao conteúdo de ensino podem não se adaptar ao modelo on-line, já que “tal concepção de ensino seria centrada no ‘sujeito aprendente’, considerado como um indivíduo autônomo, capaz de gerir seu próprio processo de aprendizagem” (BELLONI, 1999, p. 6).

Assim, a necessidade de iniciativa e autodisciplina por parte do aluno é primordial para que venha adaptar seus horários atuais com a flexibilização dos estudos, devido à dinâmica e ao processo de aprendizagem.

Outro desafio da aprendizagem em EAD também surge por parte daqueles que elaboram toda uma sistematização para a administração didática e eficiente das ferramentas e este é enfrentado tanto pelos analistas da computação, que são uma equipe técnica no que se refere ao suporte da estrutura do AVA.

Em todo o momento, vemos como necessária a participação ativa do docente no envio de respostas, ou seja, *feedback* das postagens realizadas pelos alunos, nas quais consecutivamente o estudante compreenderá o grau de seu desempenho para a aprendizagem. A EAD traz a possibilidade de que hajam pessoas aprendendo e tendo acesso ao conhecimento independentemente de onde estejam. Isso faz com que, segundo Maia e Mattar (2007), seja necessário, o que já se comentou neste trabalho anteriormente, que os alunos desenvolvam novas formas de aprender.

É preciso, acima de tudo, aprender a saber o que fazer com as informações que recebe, não apenas guardá-las, mas avaliar as diversas fontes, extrair delas o que lhe é importante, e usá-las da melhor forma. Além de ter a habilidade de estudar nesses novos ambientes, cheios de modelos desenhados estrategicamente para que o aluno se desenvolva, o aluno deve compreender o significado de trabalhar em grupo e de se construir o aprendizado de forma colaborativa, pois apesar de muitas vezes estar sozinho em frente ao computador, ele está em conjunto com vários outros alunos, com seus professores, tutores e demais participantes do processo.

Nesse novo ambiente de ensino, em que a sala de aula é virtual, alunos e professores/tutores devem ter em mente que são participantes ativos do processo ensino e aprendizagem, e que, portanto, devem interagir e participar ativamente. Um ambiente virtual onde seus participantes não interagem e não correspondem ao que é solicitado não avança e não se desenvolve.

A qualidade do ensino e, portanto, do aprendizado na Educação a Distância, depende intimamente da quantidade e da qualidade das interações que acontecem no ambiente. Por isso, não se pode deixar de destacar que as instituições de ensino precisam estar conectadas aos avanços tecnológicos, disponibilizando ambientes virtuais modernos e de fácil compreensão e manuseio.

Neste sentido, quando se pensa em redes sociais, além dos aspectos inerentes à EAD (necessidade de aparato e interações indiretas), podemos destacar a necessidade de se cadastrar numa plataforma (seja ela o *Facebook* ou qualquer outra) e, talvez mais importante, vencer o preconceito que ainda há quanto ao uso das redes no meio acadêmico. Este último aspecto será discutido mais adiante.

Em segundo lugar nas redes sociais, há a criação de comunidades virtuais de aprendizagem. Segundo Coll, Bustos e Engel (2010, p. 269), as comunidades são, em linhas gerais, “grupos de pessoas com características ou interesses comuns”. Numa rede social como o *Facebook*, as comunidades são criadas em torno de interesses, gostos, hobbies ou práticas em comum. Quando se cria uma comunidade com a finalidade de prática educacional, cria-se o que os autores Coll, Bustos e Engel (2010, p. 271) chamam de “experiências de aprendizagem na prática”.

Isso leva ao terceiro ponto, que é a necessidade de se criar um sentimento de “pertença” dentro da comunidade virtual de aprendizagem. A gestão da comunidade, seja ela no *Facebook*, seja em outra rede social, deve ter em conta uma série de critérios, para que alunos e professor (es) possam se sentir em harmonia dentro da rede enquanto ambiente de estudo. Além de definir os papéis dos participantes com regras sociais e acadêmicas, é necessário que se criem estratégias que auxiliem e incentivem os membros da comunidade ou grupo a se manifestarem, compartilhem suas ideias e construam o próprio conhecimento. (COLL; BUSTOS; ENGEL, 2010. p. 282).

Deve-se ainda conhecer as potencialidades que a rede social em questão possui (no caso do *Facebook*, detalhamos as características e potencialidades nas subseções 2.3.2 e 2.3.3 da sessão 2), além de se pensar na melhor forma de avaliar a aprendizagem do grupo.

Por fim, pensar em práticas de aprendizagem de redes sociais é pensar em um ambiente inovador e cheio de distrações, onde o aluno precisa ser constantemente guiado pelo professor, que deve garantir formas motivadoras da aprendizagem. Redes sociais são dinâmicas, estão em constante mudança, o que leva a atualizações frequentes de seus integrantes, operando em tempo real e dependendo da cooperação dos participantes para se expandir (RECUERO, 2009, p. 93).

2.2 Redes sociais e interação

Interação é um tema bastante discutido hoje nas diversas disciplinas dos cursos de pós-graduação em educação e tecnologias. É possível que essa discussão tenha se ampliado com a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) dentro das salas de aula, no entanto a interação acontece desde o momento do nascimento, com o choro do bebê que solicita comida, ou quer dizer que está incomodado com alguma coisa. Interação é uma ação recíproca entre coisas ou entre pessoas e podemos destacar também entre pessoas e coisas (PRIMO, 2005, p. 8).

Ler um livro, comer uma maçã, dançar com amigos. Tudo isso é interação. Mas quando passamos para o uso das redes sociais em educação, devemos destacar que, nesse momento, o aluno encontra-se distante geograficamente do professor e da instituição de ensino. Sendo assim, a interação acontece mediada por computador, ou algum tipo de tecnologia de suporte.

O que acontece nessa interação mediada por computador é que esse distanciamento espaço-tempo deve ser suprido por uma comunicação eficaz, que estimule seus agentes — aqui em foco os alunos, professores e instituição de ensino — a usarem as tecnologias de forma a construir o saber, da mesma forma que o fariam com ou sem tecnologias, mas presencialmente.

Interação tem a ver com diálogo, *feedback* e reflexão (PRIMO, 2013, p. 29). É a partir do diálogo e do retorno tido no *feedback*, que professores e alunos poderão refletir sobre os temas abordados em sala de aula, seja numa sala de aula presencial, seja nas redes. No entanto, uma questão importante que Primo vem discutir, são os problemas que podem surgir com o mau uso das atividades interativas. Para o autor, “a interação mediada por computador é, com grande frequência, valorizada mais em termos de tecnologia do que em termos comunicativos” (PRIMO, 2013, p. 30). A interação é o ponto chave das relações sociais, sejam estas virtuais ou não. A análise estrutural das redes sociais procura focar na interação como ponto fundamental das relações sociais entre os indivíduos — e isto é que dá origem às redes sociais, físicas ou virtuais (RECUERO, 2005, p. 6).

Essa ênfase tecnicista que é dada ao uso dos computadores na educação, pode mascarar a real importância de se utilizar as TDIC em sala de aula. Na

verdade, o que se pretende com o uso das tecnologias é o estímulo ao diálogo, é promover as interações de modo que se extrapole a sala de aula, levando o debate e a construção de conhecimento a qualquer parte, em qualquer tempo.

Afinal, “reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos em qualquer situação interativa é desprezar a complexidade do processo de interação mediada” (PRIMO, 2013, p. 30). A partir do uso da internet como recurso pedagógico, o professor pode ter descentralizado seu papel docente, evoluindo até uma prática baseada no ensino de muitos para muitos, focada no processo de aprendizagem e não apenas no conteúdo e no repasse de informações.

Para Souza e Schneider (2012), a interação exerce um papel protagonista nas relações sociais, o que no caso das redes sociais on-line, só vem agregar valor ao processo de ensino e aprendizagem, tanto pela grande adesão de indivíduos, principalmente jovens, quanto pela quebra de barreiras geográficas e sociais que o ciberespaço oferece.

O que acontece desde o surgimento das redes sociais on-line é que a interação entre indivíduos tem se tornado cada vez mais não física. Conforme Santaella (2008, p. 129), essas redes “substituíram em boa parte as interações face a face”. Isso quer dizer que não é preciso estar mais fisicamente presente para interagir, ou para criar vínculos sociais.

O *Facebook* hoje, com seus mais de 1,55 bilhão de assinantes, segundo dados da própria empresa⁴, é um canal de comunicação visto como lugar de pesquisas e compartilhamentos de informações (EBELING; BOHADANA, 2013), devido a sua facilidade de uso e utilidade na educação, podendo ser visto como um apoio na sala de aula.

No entanto, é preciso frisar que esta rede social está em alta nos dias de hoje, mas como tudo na internet, pode não estar amanhã. É importante reconhecer a vulnerabilidade e a evolução das redes sociais, de modo a perceber que outras surgirão, inclusive com ainda mais recursos disponíveis para a educação. O que se busca, então, é simplesmente fomentar a discussão sobre o uso das redes sociais on-line em educação como um todo, não somente do *Facebook* especificamente.

⁴ Disponível em <<http://newsroom.fb.com/>> (acesso em 22 dez. 2015).

2.3 Uso do *Facebook* como extensão no processo ensino e aprendizagem

Do surgimento da internet no Brasil em meados da década de 1990, até os dias de hoje, muito se alterou o que se entende e se fala sobre a rede mundial de computadores (CARVALHO, 2006). Novos conceitos surgiram, novas maneiras de ver e fazer o mundo. Rapidamente a tecnologia transforma-se e alcançamos feitos inimagináveis em menos de 30 anos de história tecnológica (CARVALHO, 2006).

Essas novas tecnologias, propiciaram inovações em vários segmentos da sociedade, desde a automação e a indústria, até a possibilidade de se estudar com o auxílio de um computador, na educação presencial e a distância. A troca de informações mais rápida e constante proporcionou que pessoas moradoras de cidades afastadas dos grandes centros pudessem construir seu aprendizado colaborativamente com outras pessoas, nas mais diversas regiões do país, sem a necessidade de sair de casa (LITTO; FORMIGA, 2009).

No entanto, utilizar essas inovações com responsabilidade e com qualidade ainda é tema de grandes discussões. Isso porque as transformações que acontecem todos os dias fazem com que as formas de usar um determinado produto torne-se obsoleta e sem finalidade em pouco tempo. Daí a importância de se discutir continuamente esses avanços e se estar sempre conectado (usando um termo da internet) nesse novo mundo, acompanhando e planejando novos meios de se comunicar.

Hoje é possível contar com o auxílio de *notebooks*, celulares, *smartphones* e uma gama de dispositivos que acessam à internet e nos fazem, por meio de comunidades virtuais, redes de relacionamentos, jogos, *e-mails* e *blogs*, estar conectado 24 horas por dia. Essas novas formas de comunicação também podem e já auxiliam professores e alunos a estarem em contato, para um maior aprendizado.

Moran (2000, p.11) afirma que “muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais”. Isso porque com as tecnologias, as aulas convencionais estão se tornando ultrapassadas, e o ambiente formal de aprendizagem sente-se pressionado a mudar e a se conectar com esses novos espaços. Para o autor, nós aprendemos pelo prazer, porque gostamos e identificamo-nos com determinado assunto (MORAN, 2000).

As redes sociais on-line podem abrigar de forma positiva diversas comunidades voltadas para o estudo, nas quais seus integrantes interagem entre si, como sujeitos. Para tanto, é preciso que haja uma “intencionalidade” educativa, que promova trocas positivas entre eles, gerando crescimento mútuo (SOUZA; SCHNEIDER, 2012, p. 6).

Antes, o *Orkut*, *MSN*, *Skype*. Hoje, *Facebook*, *WhatsApp*, *YouTube*, *Twitter*, *Periscope* e *Snapchat*. As potencialidades do uso da internet parecem ser infinitas. Dentro da Pedagogia, área de pesquisa e estudo à qual pertence esta pesquisa, as tecnologias apresentadas pelas redes sociais em geral permitem aos professores criarem estratégias pedagógicas diferentes das tradicionais — nas quais o quadro e as apostilas são utilizados de forma diferenciada, ao incluir o uso de *softwares* como o *Facebook* em contextos de aprendizagem, de maneira a ensinar os alunos não só a aprenderem no mundo virtual, mas a pensar, participar e construir o próprio conhecimento.

O advento das redes sociais on-line pressupõe um novo paradigma dentro da educação, de forma a pensarmos como Mézaros (2005), quando diz que o aprendizado acontece durante toda a vida, não somente dentro da sala de aula. Se o aluno está diante de uma rede social em sua casa quase todo o seu tempo livre, por que não se aproveitar disso para incentivar que ele tire dessa rede algum tipo de conhecimento produtivo?

Esse uso das redes sociais on-line é assim tão amplamente difundido hoje, que com o passar dos anos, é possível que boa parte do ensino formal aconteça on-line e por meio destas ferramentas. O mundo muda todos os dias e a velocidade com que essas mudanças acontecem sugere que nós nos apresseemos no domínio de tais tecnologias (COLL; MONEREO, 2010).

Por outro lado, utilizar as redes sociais on-line em sala de aula promove o que Moore e Anderson, citados por Fichmann (2009, p. 173), chamam de teoria da distância transacional, em que a distância entre aluno e professor não é meramente física ou geográfica, mas relacional. Essa proximidade transacional pode promover uma maior autonomia do aluno, independência e maior diálogo entre ele e o professor.

Nesse contexto, Paracelso (1951) afirma que “a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice”. E por que não fazer a pergunta a

partir daí: a aprendizagem está em todos os lugares, da vida real à virtual? Este é sem dúvida o maior desafio do uso das mídias sociais no ambiente formal de ensino: usá-las de forma a ser realmente uma ferramenta de ensino, com espaço para interação e questionamentos, e não apenas um depósito de informações e textos diversos.

2.3.1 Surgimento do *Facebook*

O *Facebook* foi criado em 2004, por Mark Zuckerberg (ROSA; SANTOS, 2013), um estudante da *Harvard University* e alguns amigos. Ele tinha o intuito de criar uma rede social que facilitasse a interação e a comunicação entre os estudantes da própria universidade. Com o sucesso da rede, o acesso foi ampliado para universitários de outras instituições, o que acabou por extrapolar as fronteiras do país, chegando a outros países e continentes.

A partir de 2006 já se visualizava no *Facebook*, antes chamado de *TheFacebook*, publicações de anúncios e acesso a qualquer pessoa que tivesse internet. Hoje, depois de arrecadar milhões, o *Facebook* é uma empresa reconhecida mundialmente no mercado da tecnologia e informática e acessado por mais de 30 milhões de usuários somente no Brasil (LORENZO, 2011).

Ter um perfil no *Facebook* possibilita ao usuário partilhar contatos, informações e conhecimentos. A interação acontece pelos comentários, curtidas e cutucadas nos perfis, pelos compartilhamentos de informações e pela participação em grupos de discussão, ou ainda pelo uso e aplicação de jogos. É essencialmente um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e uma das redes mais acessadas hoje.

Figura 2 – Página de *login* do *Facebook*



Fonte: <<http://facebook.com>>

Para criar um perfil no *Facebook*, o usuário só precisa ter uma conta de e-mail e uma senha pessoal. O perfil é criado a partir de informações pessoais dadas pelo próprio usuário, como nome, local de residência e nascimento, escolaridade, estado civil, local de trabalho e/ou estudo, idiomas que fala, interesses, atividades e outros. É possível, ainda, cadastrar entre os contatos as pessoas da família (esposo (a), mãe, pai, filhos, irmãos, sobrinhos, namorado (a), etc.), de forma que quem acessa o perfil daquele usuário conhece toda a sua família que também tem perfil na rede.

As contas criadas no *Facebook* são individuais. Desta forma, não é possível que empresas e organizações utilizem a rede com perfis, podem apenas ter páginas ou grupos. Além disso, os nomes devem ser reais, sem símbolos, números ou pontuação.

Outro ponto a destacar é que as informações da conta podem ser classificadas como privadas (somente o próprio usuário pode ver), semipúblicas (apenas os amigos ou as pessoas previamente autorizadas pelo usuário podem ter acesso às informações) e públicas (qualquer pessoa pode ter acesso). Assim, o usuário não precisa ficar totalmente exposto na rede, caso não queira.

A nova geração de estudantes, que serão no futuro os novos professores, é conhecida como “nativos digitais” (PRENSKY, 2010), porque possuem uma

intimidade maior com as tecnologias. Eles usam com bastante destreza as tecnologias, os jogos on-line e em rede, sabem fazer e publicar vídeos, *podcasts* e administram arquivos na internet como se já conhecessem essas mídias amplamente. Neste sentido, é importante aproveitar os espaços das redes sociais como ferramentas para educar, tendo em vista que o contato com a internet e os computadores não acontece mais somente em casa ou na escola/trabalho.

2.3.2 Características e funcionalidades do *Facebook*

Ao abrir a tela inicial do *Facebook*, o usuário tem acesso ao seu “*feed* de notícias”, uma série de informações sobre seus amigos e notificações de mensagens, compartilhamentos e sugestões de amizades. O *feed* aparece na coluna central da página inicial e apresenta atualizações constantes de históricos de pessoas e páginas que o usuário segue, incluindo atualizações de *status*, fotos, vídeos, *links*, atividade de aplicativos e opção “curtir”.

Além disso, uma aba de eventos mostra de forma geral o que está acontecendo, para quais eventos o usuário foi convidado, ou os próprios eventos criados. Mais recentemente, o *Facebook* criou um aplicativo que lembra ao usuário fotos e publicações daquela data em anos anteriores. Uma forma de se fazer um resgate histórico e fomentar mais interações entre seus membros.

Na página inicial, o usuário tem ainda acesso às listas de grupos e aplicativos dos quais participa e pode gerenciar se quer ver as publicações mais recentes ou as mais interessantes, segundo classificação do próprio *Facebook*. O usuário ainda tem a possibilidade de classificar suas publicações quanto à privacidade, de forma que algumas publicações apareçam como públicas, outras como privadas e ainda é possível marcar os contatos que poderão ver ou não o que foi postado.

Dentro do *Facebook*, o usuário também pode criar um grupo de discussão sobre determinado tema que lhe interesse. “Os grupos são círculos fechados de pessoas que compartilham e mantêm contato no *Facebook*⁵”. Para criar um grupo, basta criar um perfil na rede, acessar a seção Grupos e clicar em “criar um grupo”. A partir, daí basta escolher um nome para o grupo, adicionar membros e selecionar as configurações de privacidade do mesmo. Quando terminar essas configurações, o usuário clica em “criar” e o grupo já começa a funcionar. Na aba “editar

⁵ Fonte: <<https://www.facebook.com/help/www/162866443847527?rdhrc>>

configurações do grupo” é possível adicionar uma descrição, fazer marcações, definir um endereço de e-mail para a comunidade, além de adicionar fotos e gerenciar membros.

Figura 3 – Página inicial do Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/>>

Sempre que um membro do grupo interage ou posta publicações, o administrador (usuário que criou o grupo) é avisado, com uma notificação que aparece em sua página inicial. Dentro da página inicial do grupo, o administrador pode editar a página que aparece para os membros, convidar pessoas por e-mail para participar, ver as notificações de membros e gerenciar toda a página, inclusive anúncios que possam ou não aparecer.

Os grupos oferecem um espaço fechado para um número determinado de pessoas comunicarem-se sobre interesses em comum. Podem ser criados por qualquer usuário e diferem-se das páginas, pois estas permitem que organizações, empresas, pessoas e marcas comuniquem-se amplamente com as pessoas que as curtem. Só quem tem acesso a criar e gerenciar uma página são os representantes oficiais. Os membros dos grupos podem participar de bate-papos, carregar fotos, colaborar em documentos dos grupos e convidar os membros que são amigos para eventos dos grupos.

Figura 4 – Criando um grupo no Facebook

Criar novo grupo

Nome do grupo:

Membros:

Privacidade:

- Aberto**
Qualquer pessoa pode ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam.
- Fechado**
Qualquer pessoa pode ver o grupo e quem está nele. Somente membros podem ver as publicações.
- Secreto**
Somente membros podem ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam.

[Saiba mais sobre privacidade de grupos](#)

Fonte: <<https://www.facebook.com/>>

Dentro dos grupos, é possível o administrador definir, além da privacidade (configurando as publicações para um grupo aberto – no qual qualquer pessoa pode visualizar as postagens; fechadas – quando qualquer pessoa pode ver um grupo fechado e quem faz parte dele, mas as publicações ficam visíveis somente aos membros daquele grupo; ou secretas – apenas membros do grupo podem vê-lo), o público-alvo (o administrador aprova ou não a entrada de novos membros. Quando o grupo atinge o limite de membros, alguns recursos ficam limitados).

O *Facebook* disponibiliza ainda Grupos para Escolas, que são espaços onde somente alunos e professores com e-mail institucional ativo podem participar. Isso torna a existência do grupo mais segura quanto à inclusão de membros e compartilhamento de informações e dados.

2.3.3 Potencialidades do *Facebook* enquanto ambiente de aprendizagem

Sendo uma ferramenta popular e de fácil uso, o *Facebook* não necessita de desenvolvimento interno ou aquisição de *software*, apenas o cadastro na plataforma. Ele é gratuito e permite a integração de diversos recursos (blogs, *Twitter*, exibição de vídeos, RSS *feeds*, compartilhamento de fotos e vídeos, fornece alternativas de acesso a diferentes serviços e permite controlar a privacidade das informações).

Destacam-se os estudos de Minhoto (2012), quando realizam uma sintética abordagem das potencialidades do *Facebook*. Neste trabalho, é apresentado um estudo de caso realizado na rede social e destaca as potencialidades apresentadas na figura a seguir:

Figura 5 – Potencialidades e ferramentas do *Facebook*



Fonte: MINHOTO, 2012.

Sendo assim, as potencialidades da rede social podem ser descritas e resumidas como Comunicar, Interagir, Colaborar e Partilhar informações. Além disso, quando Minhoto (2012) fala em “gosto” e “toque”, refere-se às curtidas e cutucadas (em português), que indicam o grau de interação e popularidade dos indivíduos em seus perfis.

Um estudo de caso realizado por Patrício & Gonçalves nos anos de 2009 e 2010 com alunos de uma turma do 1º ano de licenciatura em Educação Básica constatou que o *Facebook* “pode ser utilizado como um recurso/instrumento pedagógico importante para promover uma maior participação, interação e colaboração no processo educativo, para além de impulsionar a construção partilhada, crítica e reflexiva de informação e conhecimento distribuídos em prol da inteligência coletiva”.

Os resultados do trabalho destacam, para os alunos, as potencialidades e funcionalidades da rede social na educação, que são: promover o ensino colaborativo e cooperativo, desenvolver competências essenciais no mundo globalizado e tecnológico, fomentar a partilha de conhecimentos, promover uma

maior participação no processo educativo, promover reflexão crítica e a criação de novas ideias, desenvolver a comunicação e a linguagem, estimular a motivação e o interesse (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010).

Em relação às possíveis escolhas referentes ao uso do *Facebook* na Educação, é importante destacar o fato de ainda ser esta uma das redes sociais mais populares do mundo. Segundo levantamento da *comScore*, alcançando 78% do total de usuários únicos no Brasil, o *Facebook* possui mais de 58 milhões de visitantes únicos mensais, sendo que em 2014, avaliou-se que em relação ao tempo que os internautas brasileiros passam nas redes sociais, mais de 96% é passado no *Facebook*.

Juliani (2012) aponta os principais atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem e suas tarefas dentro da plataforma. Segundo o autor, dentre as principais interações do professor estão: criar os grupos (disciplinas); adicionar os alunos; filtrar os conteúdos; auxiliar nas atividades; tirar dúvidas; publicar, acompanhar e avaliar trabalhos, etc. Já os alunos têm como “tarefas” na interação no *Facebook*, ou quaisquer outros AVA: fazer perguntas aos professores e a secretaria, comunicar-se com outros alunos, compartilhar conhecimentos por meio de grupos (JULIANI, 2012, p. 5).

Toda prática pedagógica é passível de ser avaliada apresentando vantagens e desvantagens em seu uso e trazem consequências que precisam ser estudadas. Na tentativa de trazer para este trabalho uma discussão mais ampla, na medida do possível, apresenta-se neste tópico algumas desvantagens do uso do *Facebook* e das redes sociais on-line enquanto ambiente de aprendizagem, que precisam ser avaliadas pelos professores em sua prática.

Basicamente, enumeram-se aqui três desvantagens do uso das redes sociais on-line e do *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem e/ou ambiente de estudo. São elas: dificuldade de avaliar a aprendizagem do aluno, a possibilidade de distração e a informalidade da plataforma (JULIANI, 2012).

Ainda Juliani (2012) afirma que a maior desvantagem do uso *Facebook* em sala de aula é a dificuldade de se avaliar a aprendizagem do aluno, já que esta rede não foi planejada como uma ferramenta educativa e não possui instrumentos de avaliação. No entanto, ainda segundo o autor, esta análise pode ser feita manualmente ou por meio do uso de ferramentas de monitoramento de redes sociais

disponíveis na própria internet. É possível, assim, verificar as contribuições do aluno e sua participação e interação nas redes sociais.

Outro ponto a discutir é a possibilidade de distração por parte do aluno. Isso acontece pelas inúmeras possibilidades de interação que possuem as redes sociais, não somente no grupo de estudo, mas principalmente com amigos e familiares. Porém, utilizar o *Facebook* ou as redes sociais on-line em geral na educação requer que se ultrapassem certos limites, e se criem estratégias de ensino que incentivem o aluno a manter o foco (LORENZO, 2011). Além disso, possibilidades de distração acontecem também na sala de aula presencial, sem uso de tecnologias.

Além disso, mesmo após tantos anos do surgimento da Educação a Distância, ela ainda carrega uma gama de preconceitos sobre seu uso (CORRÊA & SANTOS, 2009). E, quando se fala em uso de redes sociais on-line e *Facebook* na educação, isso se mostra ainda mais evidente, conforme aponta Freitas (2009), que indica que “através da inserção em escolas, possibilitada pelas pesquisas realizadas, percebeu-se certo descompasso entre o que acontece nas salas de aula e o avanço das tecnologias digitais presentes na contemporaneidade” (CORRÊA & SANTOS, 2009 p. 7-8).

Por outro lado, Couto Júnior (2012) lembra que mais do que valorizar os conteúdos escolares, os sujeitos rompem com as fronteiras das salas de aula. Isso se torna um privilégio para a produção e o compartilhamento de ideias e opiniões, produzidas colaborativa e dinamicamente, a partir da intensa interação entre estes internautas no ciberespaço. Ainda segundo o autor, o *Facebook* propicia a dinâmica da convivência coletiva, em que professores e estudantes, em comunhão, participam de processos on-line de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, Castells (2003) vem discutir sobre a necessidade de utilizar a internet na educação, mas não simplesmente como uma possibilidade a mais, e sim como uma exigência do novo modelo de aluno. Segundo o autor, a internet é mais que uma tecnologia, é um meio de comunicação, de interação e de organização social (CASTELLS, 2003, p. 255).

Por fim, o fato de ser uma plataforma informal de ensino pode se caracterizar como uma desvantagem para o uso das redes sociais on-line e *Facebook* em sala de aula, já que a instituição de ensino pode não autorizar seu uso pelo docente. A utilização de redes sociais em sala pode ser inserida no contexto não formal de

educação, no qual se insere “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” (LA BELLE, 1982, p. 2).

2.4 Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) são definidos por Araújo & Marquesi (2009) como ambientes que simulam os ambientes presenciais de aprendizagem com o uso das TIC. A sala de aula deixa de ser apenas um espaço físico na escola para se tornar virtual — presente em todos os lugares onde haja computador/internet, necessitando que o aluno passe a ter autonomia de explorar esse novo ambiente e o professor aja como um facilitador ou moderador, encaminhando esse aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Costa, Paraguaçu (2011), as características básicas dos AVA é que eles estão presentes na internet e os participantes têm acesso on-line aos conteúdos destinados ao processo educativo. Os AVA possuem diversas funcionalidades e normalmente são criados com base em um perfil epistemológico, que, segundo Schlemmer (2005), traduz um conceito sobre como o sujeito aprende. No caso do *Moodle*, esse perfil é baseado no socioconstrutivista. A formação continuada pode ser feita por este caminho, desde que os professores atuem como alunos autônomos e que se sintam responsáveis pelas mudanças que devem surgir em suas salas de aula.

Esses Sistemas de Gerenciamento de Aprendizagem, nome da sigla em inglês LMs (MATTAR, 2011), podem ser desenvolvidos pelas próprias instituições de ensino ou comprados por elas, podem ser pagos ou gratuitos e, ainda, podem se constituir como espaços formais ou informais de aprendizado. Em relação aos espaços formais e informais, falaremos mais a seguir, mas já adiantamos que, conforme Mattar (2012, p. 75), é possível incluir nos espaços informais as redes sociais, os jogos, mundos virtuais e outros espaços que “em função do público-alvo, do desenho pedagógico do curso, das atividades propostas e de outras variáveis, tendem a determinar decisivamente os resultados de projetos em EAD”.

Segundo Rodrigues et al (2008, p. 2), um ambiente virtual de ensino-aprendizado eficiente é composto por quatro itens fundamentais. O primeiro item, denominado ‘Conteúdo’, refere-se à abordagem dos temas de interesse do

estudante e à forma de representação do conhecimento no ambiente virtual. O segundo item, denominado 'Formato', compreende os parâmetros curriculares determinados pelo contexto institucional e os recursos humanos (público-alvo, professores, monitores técnicos entre outros).

O terceiro item, 'Infraestrutura', diz respeito aos recursos computacionais empregados, incluindo nesse item os programas (*softwares*) e os equipamentos (*hardwares*) computacionais. Por último, 'Pedagogia', corresponde ao planejamento da abordagem didática a partir dos tópicos do conteúdo programático, visando determinar a metodologia de ensino mais adequada para ministrar um determinado curso.

Segundo Mattar, no Brasil algumas instituições de ensino possuem seus próprios AVA, a exemplo do Portal Educação e Web Aula. Mesmo assim, a tendência da maioria das instituições, é utilizar AVA com plataformas gratuitas, com códigos abertos e/ou livres, sendo a mais usada entre elas o *Moodle* (MATTAR, 2012).

Criado em 2011 pelo cientista computacional Martin Dougiamas, o *Moodle* (Modular Object Oriented Distance LEarning-*Moodle*) é um sistema para gerenciamento de cursos (SGC); um programa para computador de código aberto, destinado a auxiliar educadores a criar comunidades on-line de aprendizagem. É um *software* livre de apoio às atividades de aprendizagem, que pode ser modificado e adaptado por qualquer desenvolvedor, de acordo com as necessidades de cada curso ou instituição. O uso do *Moodle* permite a criação de cursos on-line, páginas de disciplinas, grupos de estudos e comunidades de aprendizagem (BELLINE, 2005).

Segundo Alves, Barros e Okada (2009, p. 07), em nove anos de uso, o *Moodle* apresentou crescimento exponencial. Em 2009, existiam 45.816 usuários cadastrados e o *Moodle* estava presente em 198 países e mais de 200 instituições brasileiras utilizavam este ambiente como espaço de aprendizagem.

Voltado para a área da educação, ele é um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades on-line e ambientes voltados para a aprendizagem colaborativa e uma filosofia construtivista da educação. Para participar de algum curso cadastrado no Moodle, o usuário precisa estar vinculado a alguma instituição de ensino e matriculado em um curso oferecido

por ela. Ao realizar a matrícula, o estudante recebe um *login* e senha e passa a fazer parte do grupo ao qual foi inserido (ALVES; BARROS; OKADA, 2009, p. 394).

Ao longo dos anos, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem foram se desenvolvendo e ganhando novas funcionalidades. Um dos primeiros ambientes criados para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem a distância foi a *BlackBoard*, AVA comercial que oferece diversas plataformas. Atualmente, segundo Mattar (2012), também destacam-se como AVA comerciais a *Desire2Learn* e o *eCollege*.

No Brasil, além do *Moodle*, que será discutido mais detalhadamente no próximo tópico, é possível destacar alguns AVA elencados nos textos de Aguiar & Grossi (2010), Vaz, Zanella & Andrade (2010) e de Mattar (2012): Solar, Amadeus e *Teleduc*, características das quais estão apresentadas sucintamente a seguir. Outras plataformas conhecidas e utilizadas no Brasil são AulaNet, Eureka, e-Proinfo, *Learning Space* e *WebCT*.

Segundo o que se pesquisou durante este trabalho, todas as plataformas citadas continuam em uso. De acordo com a ABED (Associação Brasileira de Ensino a Distância), “cada instituição tem sua metodologia e seu esquema de trabalho, por isso cabe à instituição fornecer informações sobre o funcionamento de seus cursos”.

- Solar: desenvolvido na segunda metade da década de 1990 pelo Instituto UFC Virtual, da Universidade Federal do Ceará, o Solar é um ambiente virtual direcionado para professores e alunos, sendo um sistema criado para que o usuário tenha rapidez no acesso às páginas e ao conteúdo, seja de fácil navegação e compatível com os navegadores populares. Ele possibilita a publicação de cursos e a interação com os mesmos. Pode ser acessado no endereço: <http://solarpresencial.virtual.ufc.br/> (VAZ, ZANELLA; ANDRADE, 2010).

Figura 6 - Página inicial do Solar



Fonte: <<http://solarpresencial.virtual.ufc.br/>>.

- TelEduc: é um *software* livre em desenvolvimento criado por pesquisadores do NIED (Núcleo de Informática Aplicada à Educação), pertencente à Unicamp. Ele foi concebido tendo como alvo o processo de formação de professores para informática educativa, baseado na metodologia de formação contextualizada, sendo que todas as suas ferramentas foram idealizadas, projetadas e depuradas segundo necessidades relatadas por seus usuários. Dentre suas principais ferramentas estão o Correio Eletrônico, Grupos de Discussão, Mural, Portfólio, Diário de Bordo, Bate-Papo etc., além de ferramentas de consulta às informações geradas em um curso como a ferramenta Intermap, Acessos, etc. Pode ser acessado no endereço: <http://www.teleduc.org.br/> (VAZ; ZANELLA; ANDRADE, 2010, p. 10).

Figura 7 - Página inicial do TelEduc



Fonte: <<http://www.teleduc.org.br/>>.

- Amadeus: *software* livre de apoio à aprendizagem virtual, criado em 2007 pelo grupo de pesquisa em tecnologia educacional CCTE, do Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco. É gratuito e voltado para educadores numa visão de aprendizagem colaborativa. Pode ser instalado em diversos ambientes, desde que deem suporte à linguagem Java (AGUIAR; GROSSI, 2010).

Figura 8 - Projeto Amadeus



Fonte: <<http://migre.me/t0tPX>>.

2.5 Conceituando o Moodle

Além de gratuita, a plataforma do Moodle pode ser instalada nos mais diversos ambientes, como *Windows*, *Linux*, *Unix*, etc. De acordo com Nakamura (2009, p. 23), o Moodle foi criado para facilitar a criação e implementação de cursos a distância e baseia-se numa pedagogia socioconstrutivista⁶ que incentiva os alunos a aprenderem por colaboração. A aprendizagem é tida como atividade social, construída a partir das interações com o grupo.

Conforme Aguiar e Grossi (2010), configurados em três formatos, os cursos do Moodle podem, de acordo com atividade a ser desenvolvida, ter: formato social (quando o tema é articulado em torno do fórum), formato semanal (o curso é organizado em semanas, com datas de início e fim) e formato em tópicos (cada assunto discutido é um representado por um tópico).

⁶ Socioconstrutivista: ver POZO, Juan Ignacio (1994) Teorías cognitivas del aprendizaje. Morata. Madrid.

Para o desenvolvimento das atividades no *Moodle*, estão disponíveis, entre outros, os seguintes recursos:

- Materiais

Documentos enviados pelo professor/tutor ou alunos que servem para estudo ou pesquisa.

- Avaliação do curso

Feita com o intuito de melhorar o curso, o ambiente, a estrutura e a prática pedagógica, o professor/tutor e a performance do aluno.

- Chat

Ferramenta em que é possível conversar de forma síncrona com o professor/tutor ou outros alunos, ou a turma toda. Pela dificuldade em se organizar horários síncronos, esta ferramenta perde valor.

- Diário

Espaço em que o aluno vai publicando suas atividades e serve de “caderno” de estudos. A ferramenta é pessoal e não pode ser vista pelos outros membros da comunidade.

- Fórum

Ferramenta de comunicação assíncrona pela qual todos podem ver o que todos fazem, mas cada um acessa em horário de sua conveniência. Podem ser discutidos temas relativos ao conteúdo, com a mediação do professor/tutor.

- Glossário

Um minidicionário que pode ser feito pelo professor/tutor, ou de forma colaborativa pelos alunos, à medida que vão lendo os textos e pesquisando suas dúvidas.

- Tarefa

Proposta de exercício que os alunos devem responder e enviar para correção pelo professor/tutor ou pelo próprio sistema.

- Listas de discussão

Servem como ferramenta de comunicação de forma semelhante ao fórum.

- Wiki

Serve para a construção de textos colaborativos, em que cada aluno vai postando suas pesquisas e no final tem-se um único trabalho.

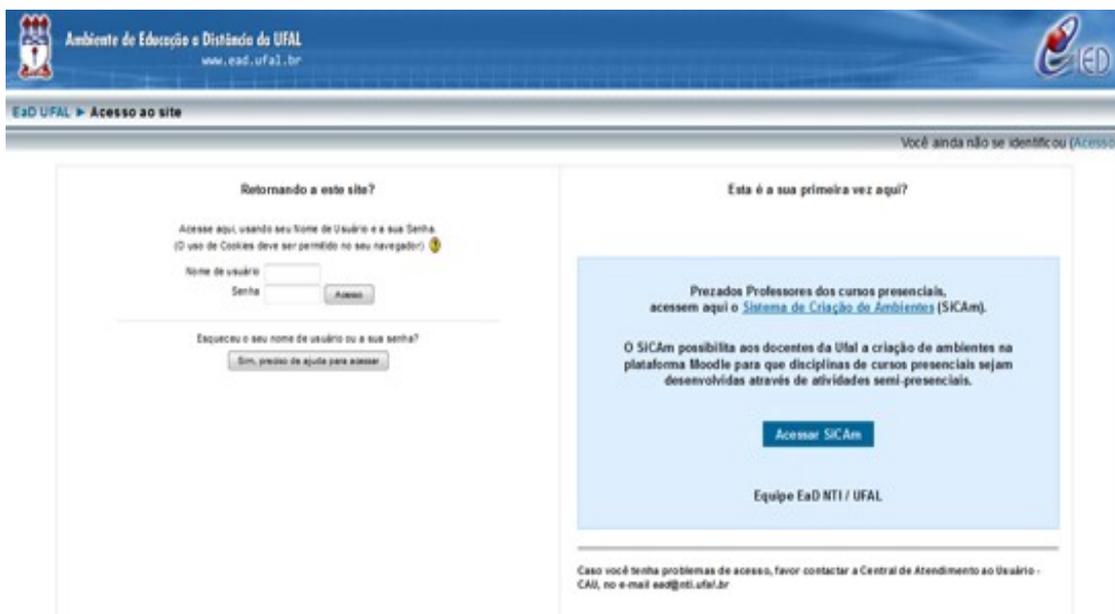
- Mural

Espaço para os alunos publicarem seus trabalhos e poderem refletir coletivamente sobre os temas expostos (AGUIAR & GROSSI, 2010).

Já conforme Sabbatini (2007), as ferramentas padrões do *Moodle* podem ser divididas em três tipos: conteúdo instrucional - composto de materiais e atividades (páginas de texto, páginas em HTML, acesso a arquivos ou *links* externos, acesso a diretórios, rótulos, lições interativas, livros eletrônicos, *wikis*, glossário, perguntas frequentes); ferramentas de interação - *chats*, fóruns, diários; e ferramentas de avaliação - avaliação do curso, questionários de avaliação, ensaios corrigidos e tarefas e exercícios.

Segundo Delgado (2009, p. 42), a criação do *Moodle* teve como base as teorias construtivistas, que possuem a interação e a colaboração como premissa para o processo de construção do conhecimento. Dentro da plataforma, seus usuários podem trocar informações e podem melhorar o sistema por si mesmos. Assim, qualquer instituição de ensino que queira utilizar o *Moodle* como Ambiente Virtual de Aprendizagem pode ajudar no seu desenvolvimento, identificando e resolvendo problemas ou propondo novas ferramentas.

Figura 9 - Moodle UFAL



Fonte: <<http://ava.ead.ufal.br/>>.

Para falar das características do *Moodle*, Garcia e Lacleta (2004) destacam a grande disponibilidade da ferramenta, que satisfaz as necessidades de todos os membros; “escalabilidad”, já que sua aplicação adapta-se às necessidades de uso, desde pequenas a grandes turmas; facilidade de uso; “interoperabilidad”, pois possui código aberto que facilita a troca de informações e melhorias do sistema; estabilidade e segurança.

Utilizado não só em cursos na modalidade a distância, mas para facilitar o aprendizado extraclasse em cursos presenciais, o *Moodle* permite que professores e alunos participem em espaços de interação para o aprendizado e discussão de temas das disciplinas. No entanto, Coll e Monereo (2010) lembram que:

[...] a incorporação das TIC na educação não transforma nem melhora automaticamente os processos educacionais, mas, em compensação, realmente modifica substancialmente o contexto no qual estes processos ocorrem e as relações entre seus atores e as tarefas e conteúdos de aprendizagem, abrindo, assim, o caminho para uma eventual transformação profunda desses processos, que ocorrerá, ou não, e que representará, ou não, uma melhora efetiva, sempre em função dos usos concretos que se dê à tecnologia. (COLL; MONEREO, 2010, p. 11).

2.5.1 Características e funcionalidades do *Moodle* / UFAL

A Universidade Federal de Alagoas (UFAL) faz uso do *Moodle* como ambiente de educação on-line, desde 2006, sendo uma das instituições pioneiras no que diz respeito à oferta de cursos a distância, modalidade de ensino presente na Universidade desde 1998 (MERCADO, 2007). Esta ferramenta possibilita aos professores a criação de ambientes de aprendizagem, para que suas disciplinas sejam desenvolvidas dentro da plataforma. Dentro de suas principais características, podemos citar a formalidade como principal motivo para que professores a utilizem. E como tal, esta formalidade incentiva seu uso.

De acordo com Mercado (2007):

[...] os projetos existentes na UFAL visam construir e ampliar as condições didático-pedagógicas para a melhoria do trabalho dos cursos de EAD da UFAL e acesso a utilização das TIC nas atividades presenciais e/ou a distância por seus professores. Envolvem um grupo de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar, movimentando pesquisadores e alunos de diversas áreas, envolvidos com atividades na modalidade a distância de ensino, pesquisa e extensão, o que contribui na elevação da qualidade da formação acadêmica dos envolvidos, a partir da participação nas atividades de acompanhamento de processos de EAD da UFAL.

Para se acessar a página inicial da Plataforma *Moodle* na Universidade Federal de Alagoas, basta acessar o link: <http://ava.ead.ufal.br/>⁷. Para entrar na plataforma, são necessários *login* e senha, ou seja, a plataforma só é acessada por alunos e professores/tutores/coordenadores, tornando o *Moodle* um ambiente privativo e institucional, já que traz as logomarcas da Universidade e da Coordenadoria Institucional de Educação a Distância (CIED).

A página inicial após a entrada na plataforma é vista como de interface simples e organizada. Já na primeira página, visualiza-se a aba “Meus cursos” e ao lado os menus de navegação (para acesso à página inicial, cursos e perfil do usuário), Menu principal, Administração e Calendário. No cabeçalho, o usuário pode acessar seu próprio perfil, além de visualizar mensagens enviadas por meio da plataforma e *webmail*. A página também dá acesso a uma série de *links* úteis (Portal do Estudante, CIED, NTI, DCE e Biblioteca).

Os cursos normalmente são organizados por tópicos de aula ou por períodos de datas. Ao clicar no curso, o aluno tem acesso aos temas e assuntos de estudo já disponibilizados pelo professor, e a aba à direita muda, pois passa a apresentar além das informações que já aparecem na página inicial, um resumo dos tópicos de estudo, avaliação, caixa de pesquisa, notas e um espaço onde o aluno pode visualizar sua atividade recente, ou seja, em quais páginas ele transitou no período em que esteve na plataforma.

2.5.2 *Facebook e Moodle*

Para compreender as similaridades entre a rede social *Facebook* e a plataforma *Moodle*, buscou-se neste tópico realizar um breve comparativo, com o intuito de observar em que momentos a rede social atua como possível ambiente de aprendizagem e apoio às práticas pedagógicas em ambientes presenciais. Para facilitar a comparação, utilizou-se alguns recursos a seguir.

Segundo Pereira (2007), todos os AVA possuem estruturas e características semelhantes, as quais podem ser listadas abaixo:

- controle de acesso (*login* e senha);
- organização do ambiente;

⁷ Acesso em 12 fev. 2016.

- controle de tempo para as atividades;
- comunicação síncrona e assíncrona;
- espaço privativo;
- arquivos atualizados e adequados;
- apoio on-line (tutor);
- avaliação/autoavaliação.

A partir daí, é possível verificar que a rede social *Facebook* apresenta controle de acesso, organização de ambiente, comunicação síncrona e assíncrona, espaço privativo (grupos), arquivos atualizados e adequados (a depender de como se utilize) e apoio on-line (do professor). Neste sentido, o *Facebook* não possui controle de tempo para as atividades, nem avaliação e autoavaliação. Essas duas características podem ser, no entanto, trabalhadas de outras formas, sem tirar da rede social os benefícios de funcionar como um AVA.

Conforme o quadro 1 a seguir, é possível verificar as características explicitadas acima, em comparação com as que se encontram na rede social *Facebook*.

Quadro 1 - Semelhanças e diferenças entre *Facebook* e *Moodle*

Facebook	Moodle
Gratuito	Envolve custos operacionais
Não requer equipe de TI	Necessita de suporte tecnológico
Código Fechado	Código aberto
Possui <i>chat</i> e fórum	<i>Chat</i> , Fórum, Wiki e web conferência
Não permite avaliações	Possui as ferramentas tarefa e boletim
Uso de <i>tags</i>	Não usa <i>tags</i>
Permite criar grupos	Permite criar grupos
Criar perfis pessoais e interagir	Criar perfis pessoais
Linkagem com blogs e vídeos	Possui a ferramenta blog

Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Outra possível forma de avaliar as ferramentas e potencialidades dos dois ambientes de estudo nos quais se inserem esta pesquisa, é comparando seus recursos e ferramentas, conforme será apresentado no quadro a seguir.

Quadro 2 - Comparação entre *Facebook* e *Moodle* a partir de seus recursos/ ferramentas

Recursos/Ferramentas	<i>Facebook</i>	<i>Moodle</i>	Observações
Gratuito	Sim	Sim	Não requer pagamento do usuário, mas o <i>Moodle</i> envolve custos operacionais para a instituição.
Exige equipe de apoio (Tecnologia da Informação)	Não	Sim	
Código Aberto	Não	Sim	
<i>Chat</i>	Sim	Sim	
Fórum	Sim	Sim	No <i>Facebook</i> o fórum é realizado a partir das postagens nos grupos.
Sistema de web conferência	Não	Sim	
<i>Wiki</i>	Não	Sim	
Vídeo-aulas	Sim	Sim	
Tarefa	Não	Sim	
Compartilhamento de arquivos	Sim	Não	
Questionário	Não	Sim	
Pesquisa de avaliação	Não	Sim	
<i>Blog</i>	Sim	Sim	
Calendário	Sim	Sim	
Uso de <i>tags</i>	Sim	Não	
Projeto visual	Sim	Não	
Criação de grupos	Sim	Sim	
Interação com 'amigos'	Sim	Não	
Criação de perfis pessoais	Sim	Sim	
<i>Upload</i> e <i>Download</i> de arquivos grandes	Sim	Não	

Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Mais uma vez, é possível identificar que os dois ambientes possuem vantagens e desvantagens, o que não significa que um seja melhor ou pior que o outro. O que se pode entender dessas análises é que os dois ambientes podem ser utilizados em diferentes contextos e até ao mesmo tempo, necessitando cada um de recursos ou atuações diferenciadas por parte do professor. O que se observa é que a escolha pelo uso do *Moodle* muitas vezes é da instituição — pois envolve questões de suporte técnico e de informática —, mas utilizar o *Facebook* depende muito mais da proposta pedagógica do professor.

2.6 Práticas pedagógicas em Ambientes Virtuais

Segundo Sacristán (1999), a prática pedagógica é uma ação do professor no espaço de sala de aula. Para o autor, o professor é um guia, mas que interfere

significativamente na construção do conhecimento adquirido pelo aluno. Neste sentido, é de grande importância o papel do professor, de forma que ele precisa estar em constante atualização e capacitação, para enfim trabalhar maneiras diferentes e atuais de ensinar e de fazer sua prática docente.

Para Heller (1977), a prática pedagógica é construída no dia a dia da ação do professor, e nela estão presentes tanto as ações práticas mecânicas e repetitivas, que são também necessárias, quanto às ações práticas criativas. São estas últimas que abrem caminho para a reflexão e que transformam o modo de fazer do professor e sua prática pedagógica.

A prática pedagógica baseada na construção de conhecimento nos ambientes virtuais pode passar despercebida quando usada apenas para transmitir informações, ou como meros depósitos de conteúdo. No entanto, existem diversas outras possibilidades de uso dos ambientes virtuais nas práticas pedagógicas, de modo que se incentive a interação e a construção de conteúdo por meio da coletividade, em relações colaborativas e cooperativas (HELLER, 1977, p 93).

Dentro de uma rede social como o *Facebook*, por exemplo, o professor tem, em um só lugar, a possibilidade de compartilhar documentos, mapas, textos, fotos e vídeos, além de trocar mensagens com alunos e outros professores. Além disso, no *Facebook* é possível criar comunidades para discussões sobre temas vistos em sala de aula, propor e executar atividades, publicar exercícios, testes e agenda de temas para discussão.

Seabra explica que o papel do professor não muda com as redes sociais. Ele continua sendo um “estimulador da aprendizagem”, percebendo o que se passa na cabeça de seus alunos, identificando suas dificuldades e procurando estratégias facilitadoras da construção do conhecimento. No entanto, o que ele deixa de ser nesse novo cenário educacional tecnológico é um dominador de todas as informações. Ele deve, sim, acompanhar a classe na pesquisa das informações e estimular o pensamento crítico e autônomo, preparando o aluno para aprender a aprender (SEABRA⁸, 2012).

Sendo um ser social que sempre se reuniu em grupos, professores e alunos têm nas redes sociais mais uma possibilidade de exercitar o convívio social. Para

⁸ <<https://cseabra.wordpress.com/2012/07/25/redes-sociais-e-tecnologias-no-contexto-escolar/>>.

tanto, as práticas pedagógicas em redes sociais podem se basear na criação de ambientes virtuais que juntem a hipertextualidade, intertextualidade e a conexão com outros sites, AVA ou documentos. Também podem integrar diversas linguagens, como sons, imagens, textos, gráficos, mapas, vídeos, e outros, de forma que haja mais dinamicidade das informações. Além disso, podem-se criar atividades de pesquisa que estimulem o aluno a construir o conhecimento junto aos outros alunos, a partir da sugestão de problemas a serem resolvidos, em que a turma deve contextualizar e criar soluções práticas.

Esta necessidade de se construir o conhecimento nos AVA e nas redes sociais com a EAD implica no desenvolvimento de um trabalho cooperativo e colaborativo, no qual se crie um espaço para que o aluno seja considerado em seus diferentes aspectos de interação e autonomia (OLIVEIRA; MERCADO, 2013). Além disso, a possibilidade de se trabalhar com redes sociais on-line traz ao professor a possibilidade de diferentes propostas educacionais.

As tecnologias presentes nas redes sociais on-line possibilitam ao aluno um estímulo à sua participação em sala de aula. Isso porque se apoderando dos recursos tecnológicos ele pode expor suas reflexões e discutir seus aprendizados com o professor e colegas. O aluno aprende com a construção de um conhecimento coletivo e reflexivo, podendo expressar-se de forma livre e é responsável por seu próprio aprendizado (OLIVEIRA; MERCADO, 2013).

Além disso, as redes sociais permitem centralizar em um único local todas as atividades de professores e alunos, aumentando o sentimento de comunidade educativa, melhorando o ambiente de trabalho ao permitir que o aluno possa criar seus próprios objetos de interesse, aumentando a comunicação entre professores e alunos e facilitando a coordenação do trabalho de diversos grupos de aprendizagem (HARO, 2008, p. 1).

Quando se fala sobre uso das redes sociais e *Facebook* em sala de aula, esta pesquisa considera a abordagem de Vygotsky (2001) no que se refere à sua postura sobre a interação social e ao seu papel primordial na formação cognitiva dos indivíduos. Segundo o autor, "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento" (VYGOTSKY, 2001, p. 63). Ou seja, a aprendizagem dá-se a todo o tempo, e tudo ao redor

contribui para isso. Desse modo, é possível pensar correlativamente que a aprendizagem também acontece no mundo virtual e nas redes sociais virtuais.

Com esta abordagem, observa-se ainda que a interação auxilia o desenvolvimento da mente. Isso porque, conforme Mello e Teixeira (2012), é a partir da interação entre os sujeitos que se estabelecem os processos de aprendizagem, e enfim, o aprimoramento de suas estruturas mentais existentes desde o nascimento. Desta forma, o ser humano necessita de uma rede de contatos com outros seres humanos para construir seu aprendizado.

Esses contatos proporcionam a criação de grupos que, por sua vez, são criados a partir de um objetivo em comum, no qual os membros se sentem incentivados a criarem vínculos e a trazerem novos membros, aumentando o grupo. Segundo a Central de ajuda ⁹do *Facebook*:

Os grupos do Facebook facilitam a conexão com grupos específicos de pessoas, como familiares, colegas de equipe ou de trabalho. Os grupos são espaços dedicados onde você pode compartilhar atualizações, fotos ou documentos, além de enviar mensagens a outros membros de um grupo. Você também pode selecionar uma das três opções de privacidade para cada grupo criado. (FACEBOOK, 2016)

Outro ponto a destacar sobre as práticas pedagógicas em redes sociais online é que o seu uso favorece um aprendizado autônomo, personalizado, expandido a partir de novos espaços, de novas fontes e meios, menos invasivo e processual. (ROSSARO, 2010). O uso das redes sociais e seus recursos também promovem, segundo Brennand (2006), o reconhecimento de que a sociedade está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas: raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc.

Por fim, a produção de significados também é afetada com as TDIC. Por isso, é preciso ainda se atentar para que as atividades propostas guiem estes significados e encaminhem estudantes e professores para a reflexão. Tanto o estudante deve refletir sobre os conteúdos e sua forma de aprender, quanto o professor precisa pensar sobre sua prática, sua necessidade de formação continuada e atualização profissional.

⁹ <<https://www.facebook.com/help/groups>>.

Participar de uma comunidade virtual de aprendizagem numa rede social possibilita-nos utilizar ao máximo os recursos tecnológicos disponíveis hoje, indo além de suas propostas, já que além de obter informações e entretenimento, é possível trabalhar, estudar, comprar e ultrapassar todas as distâncias nos relacionamentos com amigos e familiares.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo descreve a metodologia adotada nesta pesquisa, suas etapas, a amostra e as questões envolvidas no percurso metodológico. Esta pesquisa se inscreve numa abordagem qualitativa, seguindo o tipo de pesquisa exploratória e descritiva baseada na metodologia de estudo de caso com coleta de dados a partir de entrevistas estruturadas.

A pesquisa teórica teve como base os estudos sobre utilização de redes sociais e apoio na educação presencial, com Moran (2000), Recuero (2009) e Coll; Monereo (2010), com ênfase na prática pedagógica do professor e uso das redes sociais on-line na educação.

3.1 Problema e Hipóteses

A partir da chegada das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, o professor torna-se um profissional que cada vez mais necessita de constante atualização. Encontrar novas alternativas para apoiar o ensino é uma das maneiras de aprimorar a comunicação com os estudantes.

A questão que dirigiu este estudo abrange de que forma o *Facebook* pode ser utilizado como estratégia didática, enquanto apoio no processo ensino e aprendizagem. Para alcançar esta resposta, foram aplicados questionários com perguntas objetivas e subjetivas com 45 professores da Universidade Federal de Alagoas – Campus Maceió, sendo que 21 utilizam a rede social *Facebook* em suas práticas pedagógicas.

A justificativa para escolha da rede social *Facebook* foi por ser esta uma rede social gratuita e com potencial de ferramentas e potencialidades que se assemelham a um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no caso o *Moodle*. Além disso, a quantidade de usuários desta rede social chama a atenção pelo alto número.

3.2 Objetivos da pesquisa

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o uso do *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem, verificando elementos que podem contribuir para a aprendizagem em rede como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Quanto aos objetivos específicos, têm-se:

- Identificar os professores que já utilizam as redes sociais virtuais;
- Observar semelhanças e diferenças nas ferramentas do *Moodle* e *Facebook*;
- Fazer um estudo comparativo entre a plataforma *Moodle* e a rede social *Facebook*;
- Observar as possibilidades de uso do *Facebook* em sala de aula on-line (grupo), como uma alternativa complementar ao ambiente de ensino.

3.3 O campo da pesquisa¹⁰

Esta pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Alagoas, que possui atualmente a oferta de 84 cursos de graduação distribuídos em 23 Unidades Acadêmicas, na capital (53), e nos campi de Arapiraca (19) e do Sertão (8). Na modalidade de pós-graduação, são 39 programas *strictu sensu* oferecidos, sendo 30 mestrados e nove doutorados, que contam com 2.312 alunos, e 13 especializações. Em Educação a Distância, há quatro mil graduandos. São cerca de 26 mil alunos matriculados nos 84 cursos de graduação.

Com relação ao quadro de pessoal, são 1.698 servidores técnicos-administrativos e 1.394 docentes, dos quais 690 são doutores. Do total de técnicos, 797 são lotados no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes, órgão de apoio acadêmico que mantém relação funcional com as unidades acadêmicas, principalmente da área de saúde, voltadas ao ensino, à pesquisa e à assistência. Atualmente, a universidade possui 258 grupos de pesquisas, 1.125 linhas de pesquisa e 3.646 pesquisadores entre professores, técnicos e alunos.

Além dos cursos presenciais, a UFAL oferta 23 cursos na modalidade a distância, divididos da seguinte forma: 2 cursos de aperfeiçoamento; 10 cursos de especialização; 11 cursos de graduação¹¹.

A UFAL tem por missão produzir, multiplicar e recriar o saber coletivo em todas as áreas do conhecimento de forma comprometida com a ética, a justiça social, o desenvolvimento humano e o bem comum. Seu objetivo é tornar-se

¹⁰ Informações do Portal da UFAL <www.ufal.br>.

¹¹ Informações da Página da Cied <www.ufal.edu.br/cied>.

referência nacional nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, firmando-se como suporte de excelência para as demandas da sociedade.

3.4 A amostra

Depois de realizada a opção pela rede social, buscou-se a seleção de professores para participar da pesquisa, que foi feita com base nos cursos ligados à formação de novos docentes. Desta forma, o foco dos questionários, a princípio, foram os professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Como o retorno e interesse à participação foi baixo, apenas 16 professores, aumentou-se o leque para as licenciaturas de mais três cursos, Geografia, Física e Matemática.

Lembra-se neste ponto de que a pesquisa foi feita com professores da modalidade presencial, ou seja, que podem dispor de até 20% da carga horária de suas disciplinas para atividades a distância, conforme portaria 4.059/2004 do Ministério da Educação¹².

Numa primeira etapa, foi enviada aos professores dos cursos acima citados uma mensagem via e-mail, com intuito de saber se os mesmos gostariam de participar da pesquisa. Neste momento, os que responderam foram bastante receptivos. Num segundo momento, foi enviado aos que manifestaram interesse em participar, o questionário produzido no Google Docs e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Algumas entrevistas, por interesse dos pesquisados, foram realizadas pessoalmente.

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto. É uma interlocução planejada (CHIZZOTTI, 2003, p. 55).

No caso deste estudo, o questionário constou de 20 perguntas, sendo 12 objetivas e oito subjetivas. Para o planejamento e execução desta pesquisa, foi necessário avaliar algumas variáveis, como faixa etária, sexo e escolaridade. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade (CEP), e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

¹² <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf>

3.5 Metodologia

Considerando o problema e as questões estudadas na pesquisa, optou-se por desenvolver uma pesquisa com abordagem qualitativa, partindo de um estudo do tipo exploratório, envolvendo os professores que prontamente responderam o questionário. Como o foco da pesquisa foram as redes sociais como ambiente virtual de aprendizagem, houve a necessidade de buscar entre os professores participantes da pesquisa a reflexão sobre o uso de ferramentas existentes nas redes e em que momentos as utilizam.

Segundo Flick (2009), na tarefa de realizar uma pesquisa on-line, o pesquisador necessita ser capaz de usar um computador, ter acesso à rede e estar familiarizado com as diversas formas de comunicação on-line, como e-mail, bate-papo e *blogs*, por exemplo. Além disso, é preciso também que os participantes da pesquisa tenham acesso à rede e conheçam a ferramenta de coleta de dados (neste caso, o Google Docs).

A pesquisa qualitativa oferece a possibilidade de realizar uma análise plural da vida, quando se estudam as relações sociais (FLICK, 2009, p. 18). Esta pesquisa inscreve-se no campo das pesquisas qualitativas, pois nela podem ser observadas três grandes etapas: a) período exploratório; b) investigação localizada; e c) análise final e elaboração de relatório (ALVES, 1991, p. 58). O principal objetivo da fase denominada exploratória é proporcionar, com a entrada do pesquisador no contexto, uma visão geral do tema e do problema, contribuindo assim para a localização de informações e dados.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso das redes sociais, com ênfase no *Facebook*, como ambiente virtual de aprendizagem, observando para isto a utilização que os professores da Universidade Federal de Alagoas (selecionados na amostra desta pesquisa) fazem das redes, no sentido de verificar as práticas pedagógicas deste contexto informal. Neste sentido, a abordagem da pesquisa é qualitativa e descritiva, pois trabalha no universo dos significados das Ciências Humanas (MINAYO, 2001 p. 14).

Após reunir e analisar informações tidas como suficientes para estabelecer parâmetros para o estudo, no qual inicialmente se construiu um perfil dos professores que participaram da pesquisa, procurou-se identificar entre eles o nível

de uso das redes sociais. Logo em seguida, com as perguntas já direcionadas ao uso das redes sociais e *Facebook*, passou-se então para a segunda fase, de investigação, na qual se inicia a coleta sistemática de dados, que pode ou não recorrer ao uso de instrumentos auxiliares, sejam eles questionários, entrevistas ou outros (ALVES, 1991, p 59). Neste ponto, esta pesquisa utilizou-se de questionários respondidos de forma assíncrona ou síncrona, que foram tabulados e analisados no capítulo 3 a seguir.

Por fim, a terceira etapa da pesquisa corresponde à análise final dos resultados e elaboração do relatório. De acordo com Alves (1991, p. 77), “é importante assinalar que, neste tipo de abordagem, a análise e interpretação dos dados, embora só assumam sua forma definitiva nesta fase, acompanham todo o processo de investigação”. Todo o processo de recolhimento de informações bibliográficas e processo exploratório da pesquisa foi direcionado para a análise dos dados.

Alves (1991, p. 78) ainda lembra que a pesquisa com abordagem qualitativa “procura captar os significados atribuídos aos eventos pelos participantes”. Ou seja, as informações fornecidas pelos participantes da pesquisa precisam ser checadas de modo que estejam em harmonia com as informações com as quais se baseiam.

Conforme Gil (2010, p. 25), a classificação das pesquisas é uma “tendência da racionalidade humana”. Por isso, seguindo esta tendência, dentro da pesquisa qualitativa buscou-se o estudo do tipo exploratório, que tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o tema e torná-lo assim mais explícito ou compreensível (GIL, 2010, p. 27).

Este tipo de pesquisa envolve um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2010, p. 27). Além disso, foi utilizada a pesquisa descritiva que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los.

Conforme Gonçalves (2005), a pesquisa exploratória visa à descoberta, ao achado, à elucidação de fenômenos ou à explicação daqueles que não eram aceitos, apesar de evidentes. Neste sentido, esta pesquisa estuda as práticas pedagógicas que ocorrem nas redes sociais e que são semelhantes às que acontecem nos AVA. Tem a prerrogativa de levar a hipótese ou achado de que

utilizar estes ambientes pode ser um novo ou mais um método de interagir em sala de aula.

Ainda nessa direção, o estudo exploratório pode ser incluído no grupo dos estudos de caso, modalidade de pesquisa em que se estuda “um ou poucos objetos, de maneira que se permita um conhecimento detalhado” (GIL, 2010, p. 37). É também uma metodologia de pesquisa tida como delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, na qual os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (YIN apud GIL, 2010, p. 28).

A escolha pelo método do estudo de caso funda-se nas suas potencialidades, no que se refere à inserção do observador/pesquisador no contexto ou cenário real, em que, conforme Gil (2010, p. 8), são feitas descrições de situações reais que envolvem algum tipo de problema para o qual se busca uma solução.

No caso específico desta pesquisa, o problema a ser estudado e para o qual se pesquisa uma solução, é a possibilidade de enxergar o *Facebook*, assim como as demais redes sociais on-line, como apoio ou complemento dentro de uma proposta pedagógica do ensino presencial. Desta forma, Mizukami (2000, p. 153) afirma que estudos de casos sobre o ensino são importantes para o desenvolvimento, a fim de que capacitem os professores a reconhecerem eventos novos, a compreendê-los e a delinear formas sensíveis e educativas de ação.

A análise da amostra para esta pesquisa e das informações decorrentes de sua investigação é a base do conteúdo deste estudo, e o que pretende elucidar as questões deste trabalho. Sabendo ainda que a realidade transforma-se constantemente, entende-se que esta pesquisa reflete o contexto de um período, ou do tempo em que a mesma foi realizada, ou seja, entre 2014 e 2016.

Assim, este trabalho buscou coletar dados por meio de questionários enviados por e-mail, utilizando o Google Docs. Logo em seguida à coleta de dados, foi realizada a análise e interpretação dos mesmos, que resultou neste relatório de pesquisa. Ainda durante a coleta de dados, buscou-se estudar como fenômeno social o interesse dos professores pesquisados em utilizar as redes sociais e o *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem. O instrumento de coleta de dados enviado digitalmente por e-mail mostrou-se um empecilho à participação, visto que alguns e-mails não foram recebidos, retornando à pesquisadora, e outros

não foram respondidos. Tornou-se, então, necessário que se realizassem algumas entrevistas pessoalmente.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A chegada das TDIC na educação tem trazido ao longo do tempo e para todo o mundo (alguns lugares mais, outros menos) certa familiaridade com as práticas pedagógicas mediadas pelo computador e pela internet. Isso é o que afirmam Coll e Monereo (2010), ao revelarem que os alunos sentem hoje a necessidade de aulas mais interativas, organizadas de forma que se possa escolher a ordem e o ritmo da aprendizagem.

A utilização de novos espaços de aprendizagem, por outro lado, busca resgatar o interesse particular e peculiar do aluno, a partir do que já lhe é atrativo e conhecido. Aprender faz parte da essência do indivíduo e pode surgir das mais diversas situações e contextos, inclusive nas redes sociais (CARVALHO, 2009, p. 16).

Objetivando aprofundar o estudo sobre o perfil dos professores que compõem a amostra desta pesquisa, iniciou-se a análise dos dados obtidos pelas observações e questionários realizados, considerando qual o escolaridade, sexo e faixa etária desses 45 docentes.

Estas perguntas possibilitaram construir o perfil dos participantes da pesquisa, o qual foi formado por 23 docentes do sexo masculino e 22 do sexo feminino; 4 professores com título de especialista; 24 professores com grau de mestre e 17 doutores; e finalmente, 10 professores com idade entre 18 e 30 anos; 21 professores com idade entre 31 e 45 anos; 11 com idade entre 46 e 55 anos e 3 acima de 56 anos.

Tudo isto pode ser observado no gráfico 1 na página seguinte, onde em relação ao sexo, obteve-se que a porcentagem de participantes do sexo masculino foi de 51%, sendo 49% do sexo feminino.

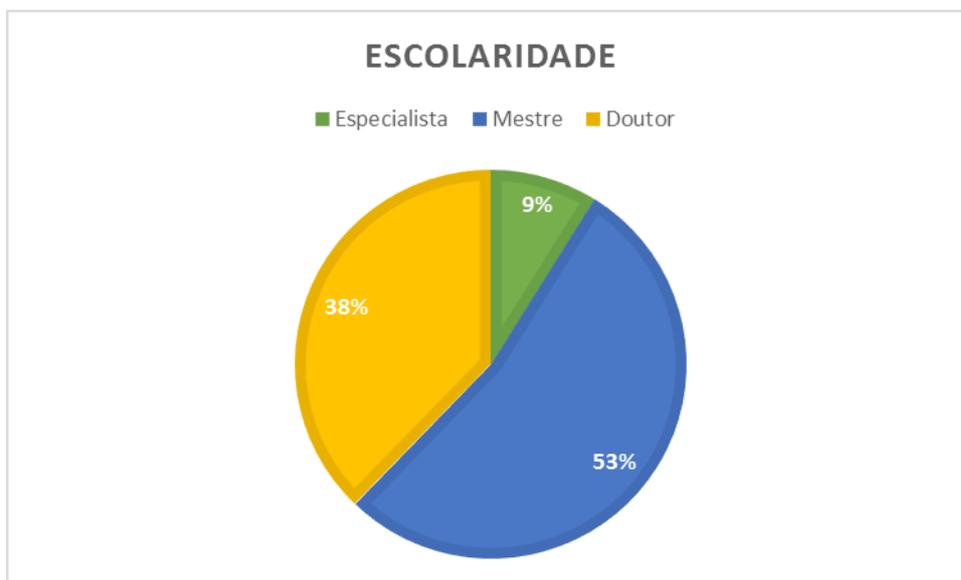
Gráfico 1 - Sexo



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Em relação à escolaridade, 53% dos participantes são mestres, 38% possuem o título de doutor e 9% são especialistas, como se observa no 2 gráfico a seguir.

Gráfico 2 - Escolaridade

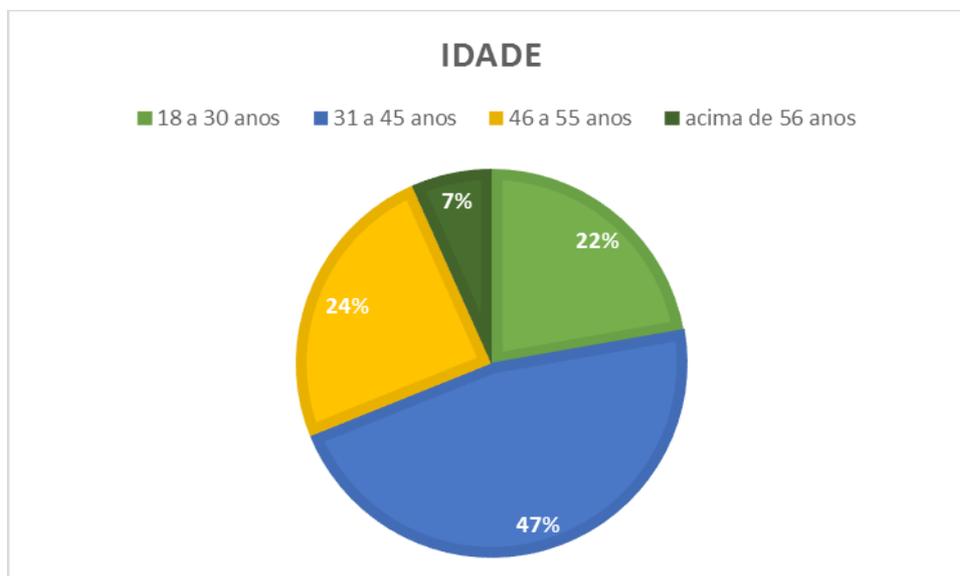


Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Quanto à idade, pode-se verificar no quadro 3 abaixo, que 47% dos participantes da pesquisa tem idade entre 31 e 45 anos; 23% do total dos

participantes estão na faixa etária entre 18 e 30 anos, e 24% de 46 a 55 anos. Somente 7% dos participantes possuem idade acima de 56 anos.

Gráfico 3 - Idade



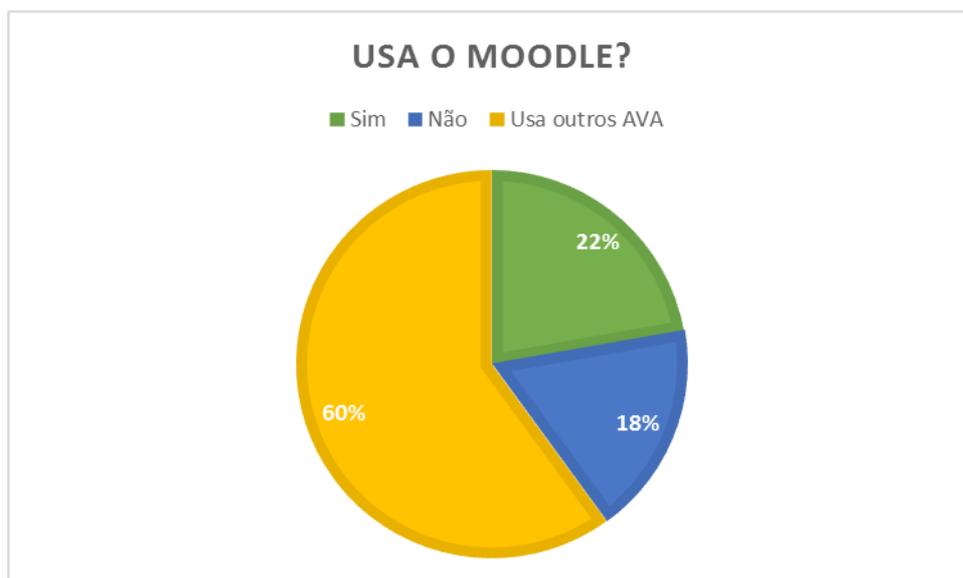
Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Constata-se com este perfil que é equivalente o número de homens e mulheres, sendo maior o número de participantes com mestrado e jovens. Quase metade dos participantes possui idade entre 30 e 46 anos. Ou seja, grande parte dos entrevistados tem nível de escolaridade alto e intimidade com as tecnologias, pois elas estão presentes no dia a dia destas pessoas.

Logo em seguida, perguntou-se sobre o uso do *Moodle* enquanto ferramenta pedagógica. Obteve-se 10 professores que somente utilizam a plataforma *Moodle* em suas aulas; 8 professores que não utilizam nenhum tipo de AVA; e 27 que utilizam outros tipos de Ambientes Virtuais de Aprendizagem, conforme se observa no gráfico 4.

Assim quanto à utilização do *software Moodle*, pode-se observar, então, que 18% não utiliza nenhum tipo de Ambiente Virtual de Aprendizagem com seus alunos. 22% dos participantes usa o *Moodle/UFAL* e 60% utilizam outro *sistema* que não o *Moodle*.

Gráfico 4 – Uso do Moodle



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Ao obter-se a soma das percentagens de participantes que usam o *Moodle*/UFAL e dos que além dele fazem uso de outros *softwares*, teremos que mais de um terço dos participantes utilizam as TDIC e menos de 20% não utiliza nenhum Ambiente Virtual de Aprendizagem em suas práticas pedagógicas presenciais. Isso demonstra que a utilização do *Moodle* e/ou das redes sociais como ferramenta pedagógica envolve a preferência do professor e de como o mesmo conduz suas práticas. Além disso, percebe-se que os professores estão conectados com as tecnologias, fazendo uso delas em sala de aula, seja por meio da plataforma oficial da Universidade, seja de um outro ambiente.

É necessário ressaltar que como a pesquisa foi endereçada aos professores da modalidade presencial, o uso do *Moodle* nestas turmas não é uma finalidade, mas, sim, mais uma possibilidade de estratégia didática. No entanto, alguns participantes relataram não utilizar a plataforma por causa das dificuldades de acesso e de suporte, já que o *Moodle* por vezes “sai do ar” ou não tem o suporte tecnológico e de resolução de problemas que o *Facebook* tem, por exemplo. Além disso, parte dos professores que não utiliza o *Moodle*, mas faz uso de outros AVA, a exemplo do *Facebook*, diz que o faz por preferência dos alunos, que reclamam da falta de interatividade e interesse em participar do *Moodle*.

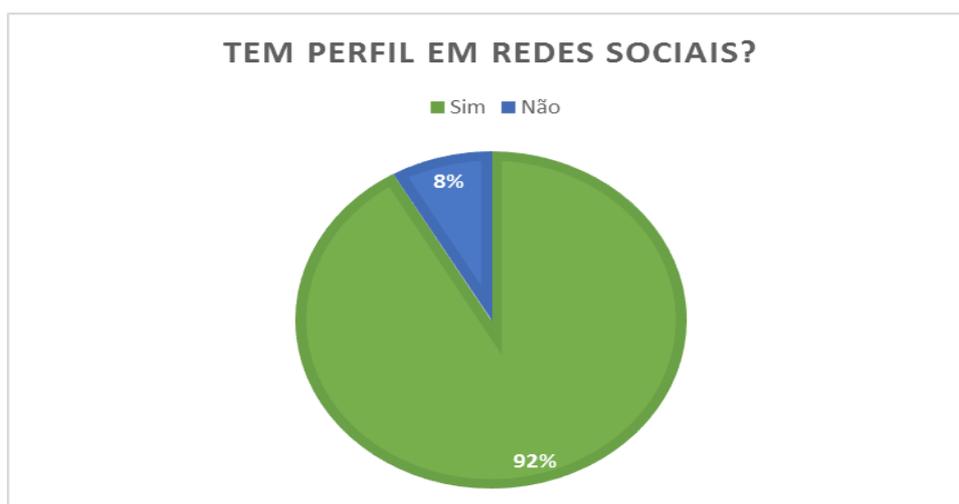
Inclusive, alguns professores relataram que os próprios alunos ou não conhecem a plataforma *Moodle* — o que demandaria um tempo de aula para explicar

como ela funciona e como interagir nela — ou simplesmente dizem que não gostam do *Moodle* e preferem não o utilizar.

Outra questão levantada sobre o não uso do *Moodle* em sala de aula, seria a limitação de tamanho de documentos a serem compartilhados. No caso de uma turma que trabalhe com *uploads* e *downloads* de documentos pesados, isso não é possível na plataforma *Moodle*, segundo relataram alguns entrevistados. No caso de uma rede social, esse problema não existe, pois o compartilhamento de arquivos direciona o usuário diretamente à página de origem do arquivo, não importando seu tamanho. Ademais, o *Facebook* é modalidade de rede social na qual é possível encontrar a maior parte dos estudantes e onde eles mantêm uma frequência de acesso diária. Torna-se, assim, muito mais fácil manter um contato.

Dentro da amostra da pesquisa, verificou-se ainda que o número de professores que usam redes sociais é 41. E que o número de professores que possuem perfil no *Facebook* é 40, perguntou-se se esse uso é de natureza pessoal ou profissional. Nesse momento o questionário passou a focar o uso do *Facebook*, a fim de limitar as questões, mas ao mesmo tempo de ampliar a observação, tendo em vista que o *Facebook* possibilita o uso de outras redes sociais dentro dele, como se pode observar no gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 – Tem perfil em redes sociais?

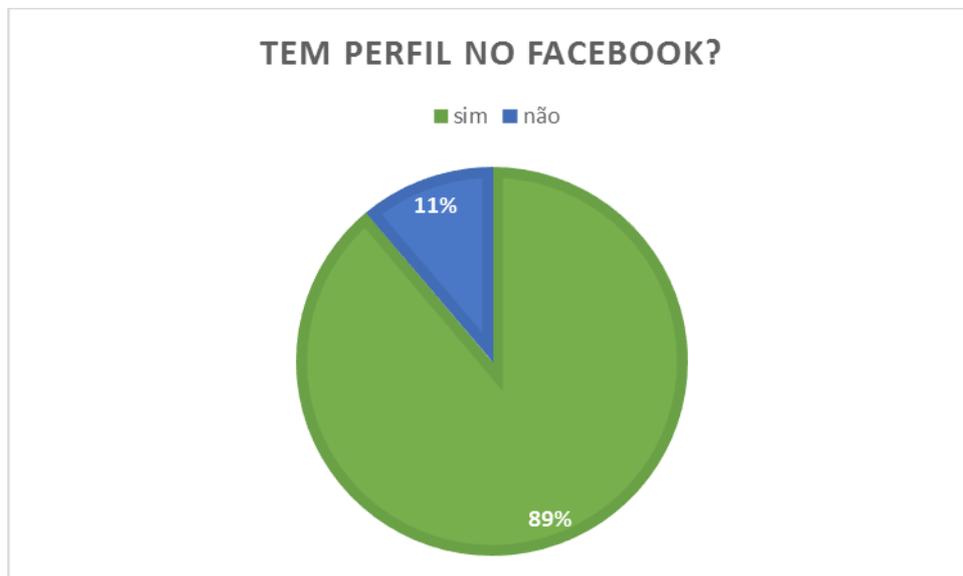


Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Já no gráfico 6, constata-se que 89% dos participantes possuem perfil no *Facebook*. Pode-se incluir, então, que a maior parte dos pesquisados possui contato

com as redes sociais on-line e podendo ser assim abarcados por seus vínculos e possibilidades de uso.

Gráfico 6 – Tem perfil no *Facebook*?



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Observou-se, ainda, que 19 professores usam o *Facebook* de maneira pessoal, 4 usam apenas de maneira profissional e 17 professores usam de ambas as maneiras, sendo assim 21 professores que usam o *Facebook* em sala de aula.

Vale salientar, que alguns professores destacaram a dificuldade de delimitar o que é um perfil pessoal e profissional. Isso faz com que o professor tenha que lidar com situações desconcertantes, como responder questões enviadas na madrugada, não habilitar o *chat*, pois os alunos sempre querem tirar dúvidas, inclusive em fins de semana, etc. Essas mesmas questões são tidas como desvantagens ao uso do *Facebook*. Alguns professores relataram ainda fazer uso de dois perfis (um pessoal e outro profissional, a fim de evitar contratempos). Nesses casos, a opção marcada para o gráfico foi “ambos”.

Assim, no gráfico 7, verifica-se que dos professores que possuem perfil no *Facebook*, 47% o utilizam de maneira apenas pessoal e privativa. 10% dos participantes usam a rede social apenas de maneira profissional e 43% utilizam de ambas as maneiras. Assim, têm-se que 53% dos participantes da pesquisa usam o *Facebook* com seus alunos. A partir deste momento, continuam respondendo à pesquisa apenas quem utiliza a rede social com os alunos. Ou seja, 21 professores.

Gráfico 7 – Uso do Facebook pelo professor



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Sobre a motivação para o uso da rede social em sala de aula, obteve-se como resposta o fácil acesso para o uso da ferramenta, a facilidade de uso e a possibilidade de encontrar os alunos de forma mais rápida. Também foram relatados que é possível na rede social ter um contato mais informal e rápido na hora de dar avisos ou indicar material para pesquisa e estudo. Como se observa na fala de um dos docentes ao dizer que “*eu precisava de algo que eles gostassem de usar, então pensei no Facebook e criei um grupo fechado, o meu Moodle*” (Professor O, Anexo C – Quadro 2).

O que acontece é que como os alunos já utilizam a rede social para suas atividades pessoais fica mais “fácil” encontrá-los no *Facebook* para um contato direto. Além disso, a criação de um grupo de estudo com a turma passa a ser uma fonte não só de troca de informações e links para pesquisa, mas também um jeito do professor criar novos espaços de discussão, fomentando a interação e o pensamento do aluno sobre o tema das aulas fora do ambiente escolar.

Esse “contato informal” com os alunos é tido tanto como um empecilho ao uso das redes sociais em sala de aula, quanto como uma vantagem, já que é possível obter um retorno rápido e dinâmico do aluno. A dificuldade de se acessar o *Moodle* também é um destaque dentre as respostas, já que o *Facebook* tem uma equipe de suporte que não permite que o sistema “saia do ar” ou, quando isso acontece, consegue resolver de forma rápida. O *Moodle*, tido por alguns professores como

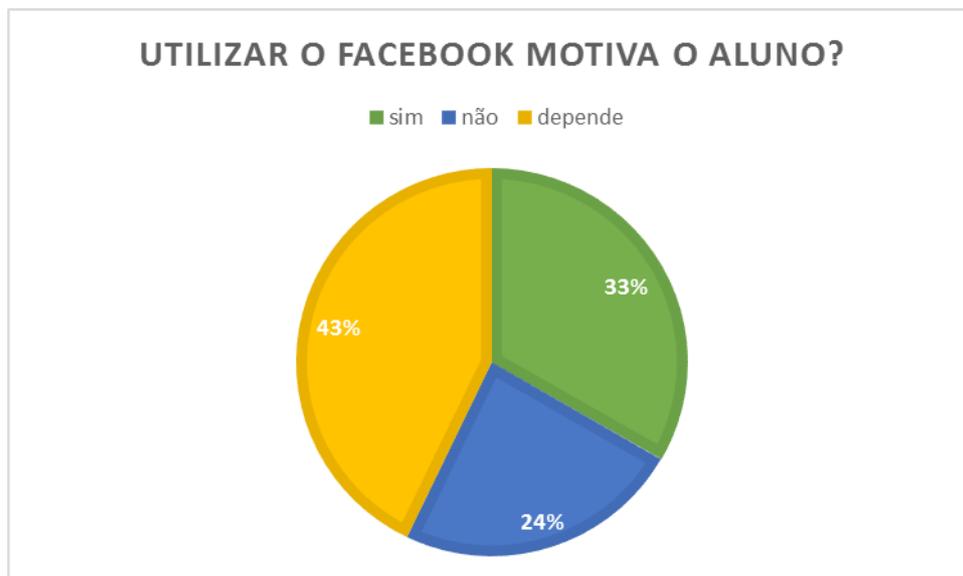
“pouco intuitivo”, tem a desvantagem de sair do ar e de não ser acessado pelos alunos tantas vezes ao dia como as redes sociais.

Outra desvantagem da plataforma é que muitos alunos preferem não a usar ou não conseguem interagir nela de forma eficiente. Apesar dos professores relatarem as semelhanças entre o *Moodle* e o *Facebook*, muitos alunos acham difícil acessar a plataforma e realizar suas atividades dentro dela. Como se observa nas falas dos professores L e S ao relatarem que o *Moodle* é “complicado e pouco intuitivo” e que “os alunos reclamam do *Moodle*” (Anexo C – Quadro 2).

O acesso ao *Facebook* torna-se assim bem mais atrativo, mesmo que alguns alunos ainda não possuam perfil na rede, foi relatado que é mais fácil convencê-lo a criar um perfil para uso específico da disciplina, do que motivá-lo a interagir no *Moodle*. No entanto, como se pode perceber em algumas respostas, conforme quadro do Anexo C, boa parte dos professores cita a “comunicação facilitada” como motivação para uso das redes sociais/*Facebook* com seus alunos. O que demonstra subjetivamente a ideia de que a rede seja utilizada prioritariamente como meio de comunicação ou envio de mensagens e avisos. Sobre as situações em que usam o *Moodle*, os professores situaram-se entre utilizá-lo apenas nas suas turmas de educação a distância ou como repositório de materiais para acesso dos alunos e envio de trabalhos para avaliação.

Logo a seguir, perguntou-se se o professor acredita que utilizar o *Facebook* motiva o aluno. Neste caso, 7 professores disseram que sim, 5 disseram que não e 9 disseram que depende da situação. Em percentagens, 24% dos participantes não acreditam no potencial do *Facebook* como fator de motivação para o aluno, 33% deles acreditam que sim, o *Facebook* pode motivar o aluno a aprender, e 43% responderam que depende, ou seja, para 76% dos que responderam à questão, é possível que o *Facebook* seja um fator de motivação para a participação do aluno.

Gráfico 8 – Utilizar o *Facebook* motiva o aluno?



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

O que se nota é que o *Facebook* é um instrumento que estimula o aprendizado pela simples utilização de uma ferramenta diferente. Alguns dos professores entrevistados, relataram que alguns alunos, a princípio, dizem que não querem participar das atividades na rede social, pois não possuem perfil na mesma e não querem ou não acreditam em seu potencial educativo, outros não querem participar por motivos religiosos ou de relacionamento. No entanto, são convencidos pelos professores a criarem uma conta apenas para participação na disciplina e são envolvidos pelo processo e participam ativamente das interações.

Explico que este espaço não é obrigatório, e sim de complementaridade, e que se não quiserem participar não tem problema. Só que quando mostro ao aluno que quando ele for professor numa escola talvez não tenha um Moodle ou um AVA institucional com um suporte de informática, por exemplo, e que o “Face” permite essa troca e a comunicação síncrona e assíncrona, disponibilização de materiais, etc, nesse momento, esses alunos que eram contrários, são os que mais participam”, relatou um dos pesquisados.

Utilizar o *Facebook* com alunos acaba por facilitar a interação e a comunicação como um todo. Além disso, por ter uma interface mais “amigável”, o *Facebook* é mais acessado e isso também facilita que se encontre mais interesse pelo uso da rede social.

Assim, nota-se que, para os pesquisados, o *Facebook* pode ser uma ferramenta que facilita o contato, já que é de fácil manuseio e de rápido retorno. Ter

uma interface colorida e criativa pode ser, assim, um fator de motivação, pois o aluno pode sentir-se mais confortável em utilizá-la. Além disso, como citado no quadro 2 (vide Anexo C), o contato no *Facebook* tem a prerrogativa de ser mais “informal”, o que pode incentivar alguns estudantes a se sentirem com mais iniciativa para interagir, sem a dificuldade de conversar num ambiente muito formal como o *Moodle*.

Por outro lado, essa é justamente uma das desvantagens citadas em algumas respostas. O limite entre particular e público é muito tênue nessa relação aluno x professor, o que pode ser um empecilho para alguns docentes que querem manter sua vida privada longe dos alunos. Uma ideia para resolver esse impedimento seria a criação de uma conta na rede social somente para uso profissional e outra fechada para uso particular ou pessoal. Um dos professores citou “aula de etiqueta” e outro, “cidadania”, como forma de trabalhar-se e criar entre os alunos uma responsabilidade no uso da internet e atitudes éticas e de segurança na mesma.

Dessa forma, uma questão levantada na pesquisa é que essa desvantagem de trabalhar-se o pessoal e o público, e o limite do relacionamento professor x aluno, pode ser também tema de estudo e discussão nas aulas, tanto no *Facebook* quanto no *Moodle*. É uma oportunidade de ensinar os alunos como utilizar melhor as redes, o que é interessante ou não postar, os perigos da autoexposição e até o momento de fazer-se um alerta sobre os perigos de disponibilizar abertamente tantas informações pessoais.

Outro ponto a destacar no quadro 2 do Anexo C é que em uma das respostas foi dito que o *Facebook* não é um espaço didático. No entanto, é preciso enfatizar que o uso da rede social é múltiplo, podendo ser com fins didáticos ou não, a depender do objetivo do usuário. Conforme se pôde verificar durante esta pesquisa, alguns alunos que não possuíam conta na rede tiveram a iniciativa de abrir uma somente para participar do grupo de sua disciplina, mantendo um perfil sem muitas informações e fechado, sem fins recreativos, apenas didáticos.

Sobre as ferramentas do *Facebook* que os professores mais usam com os alunos estão: os **grupos fechados, bate-papo**; alguns mencionaram **enquetes; curtir e compartilhar arquivos e material; discussão de temas; download de arquivos; “marcar” os alunos; fóruns na linha do tempo e mensagens in box**; em alguma postagem interessante. Como as respostas foram bastante variadas,

evitou-se construir um gráfico para esta questão, devendo-se levar em consideração, assim, as palavras em negrito.

Destaca-se, ainda, nas atividades realizadas no *Facebook*, a disponibilização de arquivos de seminários realizados em sala (uma forma dos alunos continuarem discutindo o tema proposto, avaliarem a apresentação dos colegas e de quem perdeu a aula poder acompanhar o desenvolvimento dos assuntos). Esta retomada do tema é muito utilizada pelos professores que fazem uso do *Facebook*.

Quando perguntados se acreditam que é possível usar apenas o *Facebook* em lugares onde não existam ambientes virtuais de aprendizagem formais, a exemplo do *Moodle*, 12 professores disseram acreditar que é possível usar a rede social e 9 disseram que não. Sendo assim, verifica-se que 43% dos participantes não acreditam que é possível utilizar o *Facebook* em escolas/disciplinas/ambientes de aprendizagem onde não há o uso formal do *Moodle*; mas 57% dos professores acreditam que sim.

Isso se refere ao fato de que o *Facebook* não é uma plataforma institucional. Assim, muitos professores preferem não o utilizar por não obterem o respaldo da Universidade, no caso de necessitarem de um apoio legal. Por isso, o *Facebook* nunca é utilizado de forma institucional, ou mesmo como uma ferramenta de substituição de carga horária presencial, como seria possível com o uso do *Moodle*, por exemplo. Não tem como “legitimar” as aulas. O *Moodle*, por outro lado, possui o recurso de banco de dados, onde são arquivadas todas as ações e atividades de alunos e professores.

Gráfico 9 – É possível utilizar o *Facebook* onde não há *Moodle*?



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Em relação às vantagens que o *Facebook* apresenta, quando usado como ambiente virtual de aprendizagem, foram listadas majoritariamente a rapidez no retorno e a informalidade da rede social, como uma forma de interagir melhor com o aluno. Já que o *Moodle* apresenta “constantes” problemas técnicos, como sair do ar ou travar, os professores têm preferido utilizar-se de outros meios para interagir com as turmas. Além do *Facebook*, foram listadas outras mídias sociais, como *blogs*, e-mail e até o *Whats App*.

Talvez essa seja a maior vantagem do *Facebook* em relação à plataforma *Moodle*, por exemplo. Como a possibilidade de travar ou sair do ar é quase nula, e as chances de que as informações sejam visualizadas rapidamente pelos alunos é bastante alta, torna-se mais fácil preferir a rede social à plataforma oficial da Universidade.

Uma resposta que chamou a atenção – conforme mostra o quadro 3 do Anexo C – foi a de que não haveria um administrador “vigiando” o que o professor faz ou não, como acontece com o *Moodle*, onde todas as interações entre docentes e alunos ficam registradas e podem ser consultadas posteriormente. Esta, no entanto, foi apontada por alguns professores como uma desvantagem e inclusive tida como um dos fatores pelos quais não é possível realizar avaliações na rede social.

Como não se tem um arquivo, ou uma forma do aluno enviar a atividade somente para o professor por meio do grupo, sem que os outros alunos vejam, torna-se inviável ter um contato sigiloso. A alternativa seria enviar arquivos por *chat*, mas isso implicaria numa organização prévia do professor, para que os arquivos não se perdessem. Além disso, a grande vantagem do *Moodle* seria o respaldo da Universidade sobre questões que envolvam problemas de relacionamento ou éticos, por exemplo. No entanto, entre os professores entrevistados, não houve nenhum relato de problemas em relação a esses assuntos no uso do *Facebook*.

Dentro do questionário, ainda houve a pergunta se há concorrência entre *Moodle* e *Facebook*. Nesse momento, 4 professores disseram que sim e 17 disseram que não. Assim, 81% dos que responderam afirmaram que não há concorrência entre os dois aplicativos. Já para 19% há sim concorrência.

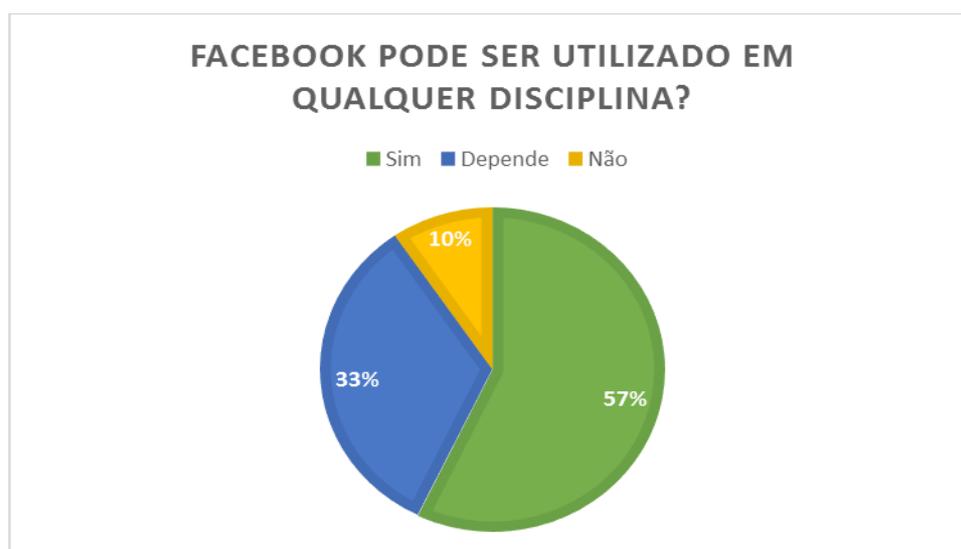
O que se observa é que não há majoritariamente o pensamento de que as duas plataformas podem entrar em conflito. São espaços e propostas diferentes,

mas que podem ser utilizadas sim no ambiente educacional com benefícios para os alunos. Quando as dificuldades apresentadas para a não utilização do *Moodle* são resolvidas (espaço de armazenamento, suporte lógico, sair do ar, etc.), a razão para utilizar-se o *Facebook* passa de ser não mais apenas uma alternativa ao *Moodle*, mas também de uma nova possibilidade de ferramenta interativa.

O que acontece efetivamente é que há uma preferência dos alunos pela rede social, com a possível razão para isso apontada pelos professores a de que como já estão participando da rede de forma pessoal e para entretenimento, eles já estejam “acostumados” ao aplicativo. Além disso, o *Facebook* apresenta uma interface mais atrativa e com apelo visual. Outros docentes destacaram a necessidade do *Moodle* de adequar-se e modificar sua interface para se tornar mais chamativa e interativa, sendo repensado a partir do novo modelo de estudante. “Falta atratividade no Moodle”, explicou um dos participantes da pesquisa (Quadro 2, anexo C).

Em relação ao conteúdo, perguntou-se se os professores achavam que o *Facebook* pode ser usado em qualquer disciplina. Obteve-se 12 respostas “sim”, 2 responderam que “não” e 7 “depende” da proposta metodológica, do conteúdo ou do objetivo do professor. Uma percentagem de 57% que acredita que o *Facebook* pode “sim” ser utilizado em qualquer disciplina, 10% responderam que “não” e 33% afirmam que pode ou não, a depender da proposta metodológica do professor. Essas informações estão inseridas no gráfico 10 a seguir.

Gráfico 10 – Facebook pode ser utilizado em qualquer disciplina?



Fonte: Autora, 2016 - Dados da pesquisa

Um destaque que pode ser dado nessa questão é a existência de professores que consideram que a rede social só pode ser utilizada em sala de aula onde há laboratório e internet, pois nesse caso, ela não seria uma atividade extraclasse somente. No entanto, a maioria vê o *Facebook* como uma possibilidade de realizar atividades fora da sala, não necessitando inclusive de interagir na rede dentro do espaço presencial. Um dos professores entrevistados disse que a rede *“pode sim ser usada em qualquer disciplina, desde que o professor saiba realmente utilizá-la e o que se pode fazer lá dentro quando se fala de ensino e aprendizagem”*.

Pode-se perceber então, que os professores que utilizam o *Facebook* em sala de aula, acreditam sim, que ele pode ser acionado em qualquer disciplina. Inclusive, durante as entrevistas, foram relatados casos e experiências de professores que utilizam a rede social *Facebook* para corrigir questões de matemática e física, disponibilizar vídeos para as aulas de geografia, etc. *“O Facebook como instrumento de apoio à educação é não só possível como utilizável. Bastando apenas criatividade e interesse para fazê-lo”*, relata um entrevistado.

Ainda na questão das disciplinas que poderiam ser trabalhadas na rede social, foi levantada a questão de que a internet possibilita a discussão sobre a correta grafia nas redes. *“A escrita poderia ser potencializada e também mediada pelo professor, já que apesar de estar numa rede social o aluno não pode usar qualquer tipo de linguagem”*, afirmou um dos participantes da pesquisa.

Outro professor que respondeu ao questionário enfatizou que nos fóruns realizados na linha do tempo, dava preferência aos textos curtos *“próprios da internet”*, e que quando o aluno queria intervir com um texto maior, fazia várias interações e postagens.

Por fim, foi perguntado se o professor consideraria deixar de utilizar o *Facebook* hoje. Nesta pergunta, 14 professores responderam, sendo que 3 professores disseram que sim, 11 disseram que não. Neste ponto é necessário lembrar, que 18 professores utilizam o *Facebook* apenas de maneira pessoal e 3 não utilizam redes sociais. O que mais chamou a atenção é que alguns gostariam de deixar de usar a rede social de maneira pessoal e passar a utilizá-la apenas em sala, pois consideram mais proveitoso o uso estritamente profissional.

Verifica-se, então, que há uma percentagem de 79% de entrevistados que não acreditam que deixariam de usar o aplicativo e 21%, sim, deixariam a rede

social se preciso, mas não viam a necessidade hoje, por ser uma ferramenta com resultados tanto na rapidez da interação, quanto nas possibilidades pedagógicas.

Neste ponto, faz-se interessante destacar a fala de um dos entrevistados. Ele afirmou que, sim, deixaria de utilizar o *Facebook* e até o faria hoje, se o *Moodle* fosse mais bem estruturado, pois “*estamos chegando num momento de querer ‘desplugar’ um pouco*”. É possível que bombardeados com tanta tecnologia, chegue-se a um momento de querer desconectar. Este, talvez, seja um bom ponto de partida para novos estudos.

Durante a pesquisa e entrevistas, foi possível verificar, ainda, que os professores que utilizam o *Facebook* em sala de aula, não realizam avaliações no ambiente, ou as fazem por meio da postagem de textos e vídeos, com uma avaliação do tipo somativa e que não considera apenas as interações na rede social, mas trabalha um peso maior na nota para as atividades presenciais. Além de ser um ambiente não-institucional e uso complementar, as entrevistas tratadas neste estudo realizaram-se com professores do ambiente presencial. Assim, alguns relataram que é preciso uma avaliação em sala, com tempo marcado, a fim de condicionar o aluno a gerir melhor o seu tempo, além de ser uma necessidade do projeto pedagógico do curso.

No entanto, foi possível constatar durante a pesquisa, que os professores que fazem uso do *Facebook* ou de outras redes sociais, acreditam no potencial destas ferramentas como um recurso de grande eficiência para o processo educativo. Não se pode esquecer que hoje é cada vez maior parte dos alunos que já possuem perfis em redes sociais e, neste sentido, utilizar essas redes na prática pedagógica é incentivar os alunos à prática da pesquisa e da construção do conhecimento.

Assim como enfatizou um dos professores participantes da pesquisa:

têm inúmeros aprendizados no Facebook, desde a concentração que ele (o aluno) pode ou não exercer, melhoria na competência para ler, ouvir, interpretar. Permite o aumento de pesquisas, gerando postagens inéditas, comparações de um mesmo tema, como tem sido a abordagem por diferentes grupos, e o aluno pode também, a partir do Facebook e do uso da internet em sala de aula, escrever mais, pois é instigado a escrever, comentar, interagir. Professor T, quadro 2 – Anexo C.

Dentro da prática pedagógica dos professores analisados, percebeu-se que, dentre os docentes que têm perfil em rede social (no caso o *Facebook*) e o utilizam de maneira profissional, o uso das redes é bem diverso, indo do contato com alunos

(para avisar datas de provas ou trabalhos), ao servir de repositório de conteúdo e até compartilhamento de textos e/ou vídeos. Além disso, é comum a prática de utilização das redes sociais como meio para postagem de trabalhos ou outros materiais de estudo, ou ainda para promover discussões sobre determinado tema, numa espécie de fórum. Como fala um dos professores:

O *Facebook* como ferramenta de ensino me encantou. Quando pensei em usar nem imaginei que daria tão certo. Pensava até que ponto os alunos iriam entender que o Face na aula era para uso educativo e não pessoal. Mas as distrações acontecem inclusive em sala de aula, você está falando e o aluno no celular. Os desvios sempre acontecem, mas meu foco não era esse. Foi muito natural usar o *Facebook*, relatou um dos participantes. Professor V, quadro 2, anexo C.

Para exemplificar ainda mais como funciona um grupo criado como apoio à sala de aula no *Facebook*, serão listadas a seguir algumas interações ocorridas numa disciplina do mestrado em Educação, da qual a pesquisadora deste trabalho atuou como aluna e foi coordenada por um dos professores participantes da pesquisa. O grupo foi criado em janeiro de 2013 e contou com a participação de 18 membros, além de dois professores coordenadores. Toda a turma aceitou o desafio proposto de trabalhar as interações no *Facebook*, inclusive quem não tinha perfil na rede criou um apenas com o intuito de participar da disciplina.

Ao todo, em um semestre letivo – tempo que durou a disciplina – foram 40 interações sobre assuntos diversos, desde disponibilização de vídeos, livros e indicações de *sites*, até dúvidas sobre trabalhos ou justificativas de faltas. Foram 20 arquivos disponibilizados para *download*, sendo dois para as pagelas e programa da disciplina. Os outros eram livros digitais ou apostilas em PDF.

É importante destacar que nesta disciplina em especial um dos professores coordenador, que a princípio ficaria responsável pelas interações, teve que se ausentar da disciplina (inclusive presencialmente), em virtude de necessidades médicas. Mesmo assim, isso não afetou a frequência ou a qualidade das interações. Os alunos tiveram bastante autonomia nesse sentido e passaram a ser produtores de conteúdo.

As primeiras interações foram do professor, que deu as boas-vindas ao grupo e disponibilizou a pagela da turma e o cronograma de seminários que seriam apresentados em sala de aula. Também foram disponibilizados o plano de aula e o

texto de apoio para a próxima aula. Como mostra a figura 10, no anexo D, o professor faz uma saudação ao grupo para abrir a disciplina no grupo on-line.

A partir daí, as interações basearam-se em dúvidas sobre ocorrência ou horário das aulas e, muito frequentemente, contribuições dos alunos acerca dos temas estudados. A exemplo da indicação de um vídeo com uma notícia de jornal enviado por um dos alunos, houve discussão e debate sobre o tema assistido, como mostra a figura 12. Outras interações podem ser acompanhadas na figura 11, no anexo D.

As aulas desta disciplina previam a apresentação de seminários, os quais tinham suas apresentações disponibilizadas sempre antes da sua realização, para que os demais alunos pudessem acompanhar as discussões, tendo estudado o tema previamente.

Em outro grupo do *Facebook*, disponibilizado por um dos professores participantes da pesquisa para observação, a realidade foi além das expectativas, segundo o próprio docente entrevistado. O grupo na rede social foi criado para ser um apoio às aulas da disciplina de TIC no semestre 2013.2, numa turma de alunos do curso de Pedagogia.

Com 32 participantes, mais o professor coordenador, foram realizadas 135 postagens de textos, vídeos e dúvidas sobre os temas das aulas, além de indicações de textos e material de estudo. Dessas, 130 inserções foram feitas durante os seis meses de duração da disciplina. As outras cinco, após o fechamento da mesma, pois o grupo continua aberto e em funcionamento. A primeira interação foi feita pelo professor responsável pela turma, com as boas-vindas, conforme se observa na figura 13¹³, anexo D. Na postagem, o professor explica que o grupo tem o objetivo de registrar os percursos do semestre relativos à disciplina.

Durante o período de duração da matéria, os alunos tiveram como atividade principal realizar gravações de vídeo com entrevistas. Esses eram então postados no *Facebook* e todos os outros alunos deveriam interagir e fazer comentários, como num grande fórum. Em outra atividade proposta pelo professor, os estudantes deveriam refletir e postar sobre “O que você entende por inclusão digital e qual sua

¹³ Vide anexo D, páginas 110-119.

relação no espaço escolar?". Destacam-se alguns comentários e interações feitos pelos alunos nesta atividade, nas figuras 14 e 15 ¹⁴.

De acordo com o professor responsável por esta disciplina no *Facebook*, foi surpreendente o quanto deram certo as interações na rede, pois a quantidade de delas e participação dos alunos superou qualquer outra atividade. *“Nunca consegui fazer fóruns de discussão dentro do Moodle daquela forma como consegui no Facebook. E aí não sei se o ambiente é que motivou os alunos, ou se a estrutura desse ambiente facilita”*, explicou o professor. Em alguns momentos, os alunos viam temas de interesse em outras redes ou sites e indicavam para os demais, como destacado nas figuras 16, 17 e 18¹⁵.

Outros dois grupos foram analisados por esta pesquisa, após a liberação dos professores participantes deste trabalho. No primeiro, foi verificado o início da disciplina no grupo do Facebook em 25 de janeiro e até a data da análise, em 30 de março (dois meses), ocorreram 39 compartilhamentos de mensagens, sendo 14 do professor. Foram anexados 11 arquivos num grupo de 12 membros. Esta disciplina ainda está em andamento. No outro grupo, já finalizado, iniciado em março de 2015 (um ano), foram 132 compartilhamentos de mensagens, sendo 49 do professor, 41 arquivos anexados e 94 membros.

Verifica-se, então, que é alto o índice de interação dos alunos e a participação deles não depende do professor, pois os próprios estudantes mostram-se autônomos e com iniciativa para compartilhar informações e arquivos, além de sugerir temas para discussões nos grupos. Conforme se verifica nas figuras 19, 20, 21 e 22¹⁶.

A partir deste estudo, foi possível verificar que a ação pedagógica nas redes sociais entre os professores não se restringe ao compartilhamento de materiais e quadro de avisos. Além disso, as possibilidades de uso das redes sociais como auxiliares no processo ensino e aprendizagem vão além dessas práticas, pois conforme se verifica nas pesquisas que fundamentaram o capítulo 1 deste trabalho as redes sociais podem, sim, configurarem-se como um espaço educativo, mesmo que informal. Pode-se citar como exemplos o uso de *hashtags* para acompanhar o que se discute sobre determinado tema, realização de entrevistas colaborativas via

¹⁴ Vide anexo D, páginas 110-119.

¹⁵ Vide anexo D, páginas 110-119.

¹⁶ Vide anexo D, páginas 110-119.

e-mail, mensagem instantânea ou *Skype*, criação de mapas mentais, entre outras atividades.

Esses são apenas alguns exemplos do que pôde ser observado durante esta pesquisa, mas é importante lembrar que muitas outras turmas possuem grupos formados nas redes sociais para envio de textos e indicações de leituras, discussão de temas e realização de fóruns.

Por fim, constatou-se com este estudo, o que já sugeria Sales e Cruz (2012) apud Perrenoud (2000, p. 04) sobre o desenvolvimento das competências em uma cultura tecnológica, na qual “para ensinar o uso de novas tecnologias faz-se necessária a criação de uma cultura tecnológica, incluindo o uso da informática e das demais tecnologias de comunicação e informação explorando suas potencialidades didáticas”.

É preciso, neste sentido, durante a produção do cronograma de atividades de cada curso ou disciplina, propor um conjunto de ações em redes sociais que possa ser realizado e acompanhado por alunos e professores, em consonância com a instituição de ensino, para que se realize de forma clara e concisa. Além disso, é preciso reavaliar constantemente a prática, a fim de aperfeiçoá-la e corrigir erros. Uma forma de se fazer uso tanto da plataforma *Moodle* (institucional), quanto do *Facebook*, seria fazer as discussões dos temas dentro da rede social e utilizar o *Moodle* como repositório de materiais e/ou postagem de trabalhos. Esta, inclusive, é uma alternativa encontrada por alguns participantes da pesquisa, para incentivar os alunos a trabalharem com diversos ambientes tecnológicos.

Os dados apresentados nesta pesquisa sugerem que ainda há certa falta de interesse ou conhecimento em utilizar as redes sociais em sala de aula. Mesmo encontrando maioria entre os professores que utilizam esses canais em sala de aula, verificou-se que ainda há resistência no uso das redes como prática pedagógica. Daí a importância e necessidade de se apoiar e incentivar a realização de cursos de formação continuada, no sentido de promover entre os docentes maior número de discussões sobre as potencialidades das redes sociais e como auxiliares no processo ensino e aprendizagem.

Outro aspecto importante a ser destacado é que boa parte dos professores também não faz uso do *Moodle-UFAL*, Ambiente Virtual de Aprendizagem oficial da

Universidade, o que também pode ser incentivado a partir de seminários e cursos de formação que desmitifiquem esse ambiente.

A seguir, nas Considerações Finais, serão apontados outros aspectos observados e indicadas sugestões para utilização das Redes Sociais e do *Facebook* no processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou as práticas pedagógicas de um grupo de professores de quatro cursos presenciais (Pedagogia, Física, Geografia e Matemática) da Universidade Federal de Alagoas que utilizam o *Facebook* em suas práticas pedagógicas na modalidade presencial. Para alcançar este objetivo, utilizou-se a metodologia do estudo de caso e da pesquisa qualitativa exploratória, de forma a, por meio da coleta de dados por questionários, observar e analisar as práticas pedagógicas envolvidas neste processo de ensino e aprendizagem.

Partindo da questão sobre de que maneira o *Facebook* pode ser utilizado como estratégia didática, alcançou-se de forma geral que a utilização do *Facebook* como apoio no processo de ensino e aprendizagem não é uma novidade, mas ainda pode ser melhor adequada e ser utilizada na formação superior presencial. Talvez persista um receio de utilizar uma ferramenta interativa e tão presente na vida dos alunos, mas o que esta pesquisa avalia é que, com o tempo, e as novas tecnologias, é possível que as formas de ensinar devam ser modificadas e, então, os professores deverão utilizar esses meios sem receio.

Ao longo do estudo, foram feitas observações sobre potencialidades e funcionalidades do *Moodle/Ufal* e da rede social *Facebook*, a fim de exemplificar suas diferenças e semelhanças. Também foi observado como os professores utilizam os recursos disponíveis na rede para auxiliar sua ação pedagógica.

Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as origens do *Moodle* e do *Facebook* e as práticas pedagógicas que envolvem o uso das redes sociais online como Ambiente Virtual de Aprendizagem. O que se verifica, com base nas pesquisas e na análise dos questionários, é que o uso dessas redes pelos professores que participaram da pesquisa ainda não é uma realidade massiva do ponto de vista profissional.

O uso pedagógico das redes estudadas ainda é visto com certa prudência, de forma que pouco mais da metade dos pesquisados utiliza de suas potencialidades. No entanto, os que usam o *Facebook* em suas práticas pedagógicas analisam esta proposta como potencial e necessária, entendendo que o uso das redes sociais online como extensão no processo ensino-aprendizagem pode favorecer procedimentos de integração das TDIC nos processos educativos na educação

formal, tornando esses processos mais significativos e mais atraentes para os alunos, como um auxiliar para o professor, além de uma forma de promover maior interação no processo de ensino e aprendizagem.

Antes de tudo, é preciso considerar as transformações pelas quais o mundo vem passando em relação às inovações tecnológicas, as quais perpassam pela modificação da prática docente, inclusive e principalmente pelas mudanças na prática pedagógica, o que sugerem atividades inovadoras e aliadas a estas transformações. É preciso estar atualizado com as tendências da educação, para incentivar os novos perfis de alunos a construírem o conhecimento com criatividade.

As redes sociais on-line possuem ambientes que possibilitam a interação e prendem a atenção dos seus membros, haja vista o vício e a permanência quase intensa de seus participantes. As ferramentas e aplicativos presentes nestes ambientes são, portanto, conhecidas e plenamente utilizadas pela maioria de seus membros, o que facilita o uso quando a plataforma é utilizada de forma pedagógica.

Outro aspecto que precisa ser considerado é que toda prática docente é passível de atualização e formação continuada. Transformar a práxis requer formação e muito estudo. Por isso, é preciso incentivar políticas de incentivo à formação continuada e cursos que auxiliem os docentes a ingressarem cada vez mais no mundo que já é amplamente acessado por seus alunos. Quando professores e estudantes “falam a mesma língua, ou os mesmos códigos”, a aprendizagem tende a fluir mais facilmente.

Esta pesquisa revela que, no caso dos professores pesquisados, esta realidade referente ao uso das redes sociais on-line como forma de inovar a prática pedagógica, ainda se mostra em desenvolvimento. Após a pesquisa com o questionário, diagnosticou-se que parte dos professores não demonstra interesse no uso e aplicação das redes sociais em sala, por falta de formação continuada para o trabalho pedagógico com esses meios, ou por não conhecerem as redes sociais na prática de ensino, o que sugere a necessidade da constituição de grupos focais nos quais sejam discutidos esses possíveis usos na educação, casos de relatos de experiência, informações e outros assuntos afins. A capacitação de professores no uso dessas ferramentas on-line com fins pedagógicos é um fator que pode promover a instauração de novos agentes na formação docente em TDIC.

Por outro lado, o grupo de professores que utiliza redes sociais em suas práticas pedagógicas vê no *Facebook*, nas tecnologias e redes sociais em geral uma maneira de trazer para o aluno novas perspectivas de aprendizagem, ou seja, novas formas de aprender. Além disso, esse mesmo grupo de educadores analisa o uso das redes sociais como positivo e como um meio de se aproximar mais dos estudantes, utilizando espaços e linguagens mais próximas às suas realidades.

Verificou-se que os professores que utilizam o *Facebook* na prática pedagógica consideram a rede como um ambiente de fácil acesso e interação com os alunos, inclusive indicam seu uso como fundamental para a aprendizagem junto às TDIC. Nota-se também que há um ambiente propício a mudanças, onde se encontram professores que não utilizam as redes talvez haja uma realidade em transformação, na qual os docentes estão pouco a pouco inserindo as tecnologias em suas turmas presenciais e isso traz resultados positivos no contexto da sala de aula.

Por fim, é preciso lembrar que ter um perfil em rede social não implica em usá-la em sua ampla capacidade e possibilidades. Por isso, mais uma vez, é preciso que haja capacitações e formações que não somente incentivem o uso, mas o façam de maneira a que se utilizem práticas pedagógicas e metodologias de ensino e aprendizagem que contribuam para a construção do conhecimento coletivo.

Ou seja, não adianta apenas criar o grupo na rede social e deixar os alunos “soltos”. É preciso interagir, apresentar estratégias de ensino, incentivar o compartilhamento e a discussão de informações, estabelecer metas de utilização e objetivos claros para a turma.

A fim de indicar outras propostas de estudos, é preciso uma pesquisa mais aprofundada sobre práticas pedagógicas, suas implicações e consequências, para que se amplie o leque de pesquisas sobre o tema e mais educadores discutam-no. Tentar ampliar a questão e responder à pergunta sobre que estratégias são melhores na interação entre alunos e professor dentro da rede social pode ser um ponto de partida.

Outra proposta é expandir a pesquisa realizada neste estudo aos demais professores da Universidade, para comprovar se a visão do todo é a mesma da parte que participou desta pesquisa. Há ainda a possibilidade de se analisar o uso de outras redes sociais on-line além do *Facebook*, inclusive o uso de aplicativos para celulares e *smartphones*, a exemplo do *WhatsApp*, *Periscope* e *Snapchat*.

A pretensão é dar continuidade às análises e ampliar a discussão iniciada com este trabalho, transformando-o em livro teórico e prático sobre uso das redes sociais on-line e *Facebook* na educação. Quem sabe, depois disso, um pequeno passo seja dado em prol da familiarização das redes sociais pelos professores. Assim como diz Gardner (2000), o propósito da escola deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingirem objetivos de ocupação e passatempo adequados ao seu espectro particular de inteligências.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - ABED. Disponível em www2.abed.org.br. Acesso em: 3. ago. 2015.

AGUIAR, Sabrina Ferreira de; GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. **Modelos e experiências de ambientes de aprendizagem virtual**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 2., 2010, Belo Horizonte. Anais_2010. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2010/Artigos/GT2/MODELOS_E_EXPERIENCIAS.pdf. Acesso em: 4. fev. 2014.

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. Caderno de Pesquisa 77.

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo. Pearson Education do Brasil, 2009. p. 9-13.

ALVES, Lynn; BARROS, Daniela; OKADA, Alexandra (Org.) **Moodle: estratégias pedagógicas e estudos de caso**. Salvador: EDUNEB, 2009. Disponível em: http://www.moodle.ufba.br/file.php/1/Moodle_1911_web.pdf. Acesso em: 4. fev. 2014.

ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando de; MARQUESI, Sueli Cristina. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo. Pearson Education do Brasil, 2009. p. 9-13. Cap. 50, p. 358-368.

BARBOSA, Juliana da Silva Dias; BATISTA, Danilo Lemos. As mídias sociais na educação. In: COLOQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 2011, São Cristovão, SE. **Anais...** São Cristovão, 2011. Disponível em: <http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%208/PDF/Microsoft%20Word%20-%20AS%20MiDIAS%20SOCIAIS%20NA%20EDUCAcao.pdf>. Acesso em: 5.nov. 2015.

BELINE, W.; MENTA, E.; SALVI, R. F. EAD no mundo open source: construindo conhecimento com liberdade. In: SEMANA DE COMPUTAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2., 2005.Londrina. Anais... Londrina, 2005.

BELLONI, Maria L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 dez. 2005a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 29 ago. 2014.

_____. **Enem 2014**: redes sociais complementam estudos para o exame. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/10/enem-2014-redes-sociais-complementam-estudos-para-o-exame>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

BRENNAND, Edna G. G. Hipermídia e novas engenharias cognitivas nos espaços de formação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 13., 2006, Recife. Anais. Recife, 2006.

CARVALHO, Jaciara Sá. **Redes e comunidades virtuais de aprendizagem**: elementos para uma distinção. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Internet e sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COLL, Cesar; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da educação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____; BUSTOS, Alfonso; ENGEL, Anna. As comunidades virtuais de aprendizagem. _____. MONEREO, Carles (Org.). **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORDEIRO, Antonio et al. Governo eletrônico e redes sociais: informação, participação e interação. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 6, p. 1-2, 2012. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/viewFile/588/1228>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

CORRÊA, Stevan de Camargo; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. Preconceito e educação a distância: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 273-297, dez. 2009.

COSTA, Cleide Jane de Sa Araujo Costa; PARAGUAÇU, Fabio. **Possibilidades de coleta de dados para pesquisa no contexto da internet**. In: _____; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo (Org.). Maceió: Edufal, 2011. Pesquisa em Educação Online.

COUTO JÚNIOR, Dilton R. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

DELGADO, Laura Maria Miranda. **Uso da plataforma Moodle como apoio ao ensino presencial: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

EBELING, Florencia; BOHADANA, Estrella. *Facebook no ensino superior: transgressões e transformações*. In: ROSADO, Luis A. da Silva.; BOHADANA, Estrella D. Benaion.; FERREIRA, Giselia M. dos Santos (Org.) **Educação e tecnologia: parcerias 2.0**. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2013, p. 264-295. Disponível em: https://www.academia.edu/13448858/O_Facebook_no_Ensino_Superior_transgress%C3%A3o_e_transforma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 dez. 2015.

FICHMANN, Silvia. A educação formal básica/fundamental e a EAD. In: LITTO Frederic M.; FORMIGA, Marcos. (Org.) **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 172-181.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Apresentação. In: _____ (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 7-12.

GARCIA, Pablo López; LACLETA, María Luisa Sein-Echaluce. **A revolução pedagógica: o meio Moodle**. 2004. Disponível em: <http://contenidos.universia.es/html_trad/traducirEspecial/params/especial/bc/seccion/6/titulo/REVOLUCION_PEDAGOGICA-ENTORNO-MOODLE.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

HARO, Juan José, de. **Las redes sociales en educación**, 2008. Disponível em: <<http://jjdeharo.blogspot.com/2008/11/la-redes-sociales-en-educacin.html>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1977.

JULIANI, Douglas Paulesky et al. **Utilização das redes sociais na educação**: guia para o uso do *Facebook* em uma instituição de ensino superior. **Cinted – UFRGS**. v. 10 n. 3, dez. 2012.

LA BELLE, Thomas J. **Nonformal education in Latin American and the Caribbean**: stability, reform or revolution? New York: Praeger, 1986.

LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. (Org.) **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LORENZO, Eder Maia. **A utilização das redes sociais na educação**. 2. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2011.

MACEIÓ. Secretaria Municipal de Educação. **Jovens participam de encontro do Mais Educação**. 2015. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/semad/noticias/jovens-participam-de-encontro-do-mais-educacao/>>. Acesso em 31 jul. 2015.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD**: a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MAURI, Teresa; ONRUBIA, Javier. O professor em ambientes virtuais: perfil, condições e competências. In: COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 118-135.

MATTAR, João. **Guia de educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

_____. **Tutoria e educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. (Educação e Tecnologia).

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012. Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: ANPED, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/6/871>>. Acesso em: 11 maio 2015.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINHOTO, Paula Maria Lino Veigas. **A utilização do Facebook como suporte à aprendizagem da biologia**: estudo de caso numa turma do 12º ano. 2012. 122 f.

Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) – Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, 2012.

MIZUKAMI, Maria das Graças N. Casos de ensino e aprendizagem profissional da docência. In: ABRAMOWICZ, Anete; MELLO, Roseli R. (Org.) **Educação: pesquisa e práticas**. Campinas: Papirus, 2000. p. 139-161.

MONEREO, Carles; POZO, J. I. **O aluno em ambientes virtuais: condições, perfil e competências**. In: COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 97-117.

MORAN, José Manuel. “Internet no ensino universitário: pesquisa e comunicação na sala de aula”. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, n. 3, ago.1998.

_____. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

NAKAMURA, R. **Moodle: como criar um curso usando a plataforma de ensino à distância**. São Paulo: Farol do Forte, 2009. Disponível em: <http://www.moodle.ufrb.edu.br/pluginfile.php/63/mod_page/content/1/rodolfo-nakamura_moodle.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

OLIVEIRA, Carloney Alves de; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **As redes sociais como espaço de comunicação e interação entre professor e alunos na educação superior**. Maceió: Associação Brasileira de Educação a Distância, 2013. Relatório de Pesquisa. Disponível em:<<http://www.abed.org.br/congresso2013/cd/295.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

PARACELSO, **Selected Writing**. Routledge & Kegan Paul, Londres, 1951, p. 181.

PATRÍCIO, Raquel; GONÇALVES, Vitor. *Facebook: rede social educativa?* In: ENCONTRO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 1., 2010, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2010. p. 593-598. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

PEREIRA, A. T. C. **Ambientes virtuais de aprendizagem em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.

PRENSKY, Marc. “**Não me atrapalhe, mãe – eu estou aprendendo!**”: como os videogames estão preparando novos filhos para o sucesso no século XXI e como você pode ajudar! Tradução: Livia Bergo. São Paulo: Phorte, 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Tecnologia/cibercultura/Enfoques%20e%20desfoques%20no%20estudo%20da%20intera%C3%A7%C3%A3o%20mediada%20por%20computador.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

_____. **Interação mediada por computador**: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico relacional. 2003. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na Internet: considerações iniciais. **Revista E-Compós**, v. 2, p. 2-13, abr.. 2005. Disponível em: <http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/abril2005_recuero.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Carlos Rangel et al. Ambiente virtual: ainda uma proposta para o ensino. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 71-83, jul. 2008. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13_2/m318212.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues. **Facebook e as nossas identidades virtuais**. Brasília, DF: Thesaurus, 2013.

ROSSARO, Ana Laura. Educación em red: Las redes sociales como nuevos entornos de aprendizaje. In: SEMINARIO "TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN INTEGRADAS A LA EDUCACIÓN: LAS REDES SOCIALES Y LA EDUCACIÓN, 2010, Lima. **Anais...** Lima: Universidad Católica Perú, 2010. Disponível em: <<http://www.educdoscero.com/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

SABBATINI, Renato M. E. **Ambiente de ensino e aprendizagem via internet a plataforma moodle**. Mongi Guaçu: Edumed, [201-]. Disponível em: <<http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

SACRISTÁN, J. Gimero. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

SALES, Selma Bessa; CRUZ, Alba Liarth da. Uma experiência de formação de professores para uso das ferramentas digitais e criação de redes de aprendizagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 17., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

SANTAELLA, Lucia. A estética política das mídias locativas. **Nômadias, Revista da Universidad Central da Colômbia**, n. 28, p. 128-137, abr. 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/colombia/iesco/nomadas/28/12-estetica.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SEABRA, Carlos. **Redes sociais e tecnologias no contexto escolar**. Portal 2012. Disponível em: <<http://www.portalfuturum.com.br/home/educartigos/visao.php?id=2799>>. Acesso em: 6 ago 2015..

SILVA, Marco; CLARO, Tatiana. **Docência online e a pedagogia da transmissão. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p.81-89, maio/ago. 2007.

SOUZA, Adriana Alves Novais; SCHNEIDER, Henrique Nou. Aprendizagem nas redes sociais: colaboração online na prática de ensino presencial. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA; ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO. 2012, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR. 2012.

UAB, o que é a Universidade Aberta do Brasil. Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

VAZ, Douglas; ZANELLA, Renata; ANDRADE, Suelen Silva de. Ambientes virtuais: uma nova ferramenta de ensino. **Revista iTEC**, v. 1, p. 8-12, 2010.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: M. Fontes, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Prezado (a) Participante,

Estamos convidando-o (a) para participar desta pesquisa sobre uso da Internet em ambientes formais de ensino. A resposta ao questionário levará entre dez e vinte minutos. Suas respostas são completamente anônimas e apenas os pesquisadores diretamente envolvidos no projeto terão acesso aos dados. Você nunca será pessoalmente identificado (o) neste projeto de pesquisa ou em qualquer apresentação ou publicação decorrente do mesmo. A informação que você nos fornecer será codificada como um número. A pesquisa não proporcionará benefícios diretos para você, mas sua colaboração ajudará a enriquecer o campo de pesquisa e discussões sobre educação, e esses resultados serão utilizados como base para capacitação de profissionais que atuam na área. Agradecemos o preenchimento atento ao questionário que se segue.

Sua participação é totalmente voluntária. Você é livre para parar de respondê-lo em qualquer momento antes de finalizá-lo, e, mesmo assim, devolvê-lo para nós. Ao preencher e devolver o questionário você estará de acordo que os dados sejam utilizados e analisados. As questões são simples de serem respondidas, mesmo assim, caso você se sinta desconfortável diante das perguntas, estarei disponível para prestar o apoio necessário ou esclarecer suas dúvidas sobre os procedimentos através do e-mail freirej.ufal@gmail.com. Por favor, responda estas questões da forma mais sincera possível. Por favor, lembre-se que não existem respostas certas ou erradas. Nós estamos apenas interessados em conhecer sua opinião.

Em caso de dúvida, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa:

Telefones para contato:

Favor entrar em contato pelo e-mail

Muito obrigado por sua ajuda e cooperação nesta pesquisa!

QUESTIONÁRIO

ETAPA A: PERFIL

1 – Qual é sua faixa etária?*

Abaixo de 18 anos

De 18 a 30 anos

De 30 a 45 anos

De 45 a 55 anos

Acima de 55 anos

2 – Sexo*

Feminino

Masculino

3 – Estado Civil*

Solteiro(a)

Casado(a)

Separado(a)

Divorciado(a)

Viúvo(a)

União estável

4 – Nacionalidade*

5 – Grau de escolaridade*

Formação Superior

Especialista

Mestre

Doutor

PhD

6 – Profissão*

7 – Você usa o Moodle ou outro tipo de AVA em suas aulas presenciais? *

Sim, uso o Moodle

Sim, uso outro AVA: _____

Não

8 – Você tem perfil em Redes Sociais?*

Sim

Não

9 – Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, o uso que você faz das Redes Sociais é:

Pessoal

Profissional

ETAPA B - INFORMAÇÕES REFERENTES às Redes Sociais – somente para os que usam

1 – Há quanto tempo você utiliza algum tipo de rede social com os alunos?*

2. Qual a sua motivação para usar a rede e não o *Moodle*?*

3 – Você ainda utiliza o *Moodle*? Em que situações?*

4 – Você acredita que utilizar redes sociais motiva os alunos?*

5. Que ferramentas da internet você costuma utilizar com seus alunos? *

6 – Você acredita que é possível usar apenas as redes sociais em casos onde não há *Moodle*?*

Sim

Não

7. Que vantagens você listaria para o uso do *Facebook*?*

8. Você acredita que há concorrência entre o *Moodle* e o *Facebook*?*

Sim

Não

9 – Você acredita que a internet pode ser utilizada em qualquer disciplina? Explique*.

10. Você deixaria de utilizar redes sociais hoje? Comente*.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável)

Eu,, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo “Internet como ambiente virtual de aprendizagem: práticas pedagógicas”, recebi da mestrande Sra. Jacqueline Freire, orientanda da Prof^a. Dra. Cleide Jane de Sá Araújo Costa, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Que o estudo se destina a investigar a possibilidade de uso do Internet dentro de uma concepção de sala de aula formal, estudando as motivações dos professores para o uso desta rede.

Que a importância deste estudo é a de discutir o ensino formal a partir da inserção das redes sociais no cotidiano universitário.

Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: descobrir as motivações dos professores para o uso ou não das redes sociais em sala de aula.

Que esse estudo começará em mai/14 e terminará em dez/14.

Que o estudo será feito da seguinte maneira: com questionários aplicados a partir do Google Docs.

Que eu participarei das seguintes etapas: resposta ao questionário.

Que a participação no estudo trará riscos mínimos à minha saúde física ou mental.

Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: timidez ou receio de me comprometer com as respostas.

Que deverei contar com a seguinte assistência: Jacqueline Freire (pesquisadora), sendo responsável por ela a Prof^a. Dra. Cleide Jane Costa (orientadora).

Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: aumento das discussões que levam a modernização e maior qualidade das interações em sala de aula e conseqüentemente do aprendizado.

Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

A pesquisadora responsável e sua equipe comprometem-se a suspender ou encerrar esta pesquisa imediatamente ao perceber irregularidades que ofereçam riscos ou danos à saúde do sujeito participante da pesquisa e consequente à mesma.

Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para mim enquanto participante da pesquisa, sendo garantido que eu serei ressarcido por despesas que precisar efetuar em decorrência da pesquisa e que serei indenizado em caso de danos comprovadamente decorrentes da minha participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Contato de urgência: Prof^ª. Dra. Cleide Jane Sá de Araújo Costa

Domicílio: (rua, praça, conjunto)

Bloco: /Nº: /Complemento: Av. Lourival Melo Mota, s/n. Tabuleiro do Martins.
Campus A C Simões
Centro de Educação
Telefone: PPGE 82- 32141196

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas
Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n. Tabuleiro do Martins. Campus A C Simões
Centro de Educação
Telefones p/contato: Jacqueline Freire – (82) 9911-2512 / 9307-9245

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

**Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A.C. Simões, Cidade Universitária
Telefone: (82) 3214-1041**

Maceió,

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	
	Jacqueline Freire C. M. A. de Oliveira (pesquisadora)
	Prof ^ª . Dra. Cleide Jane Sá de Araújo Costa (orientadora)
	Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo

ANEXO C – RESPOSTAS ÀS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO

Quadro 3 - Motivação para uso do *Facebook* em sala

Professor A:	“Contato informal com alunos.”
Professor B:	“Falar tanto sobre assuntos das disciplinas, como de assuntos diversos”
Professor C:	“Comunicação com os alunos e postagem de textos”
Professor D:	“Foi mais fácil acessar o <i>Facebook</i> . Percebi que meus alunos utilizavam o

	<i>Moodle</i> por obrigação, somente para cumprir tarefas. Por outro lado, estavam conectados com as redes e usavam com frequência”.
Professor E:	“Utilizo um ou outro de acordo com opinião recolhida no início da disciplina com cada turma. FB fica também para avisos e outras coisas mais informais”.
Professor F:	“Marco meus alunos e alunas de vez em quando se vejo uma postagem que pode interessar a eles ou ajudar na formação deles”
Professor G:	“Fácil acesso com os alunos e dinamicidade de respostas”
Professor H:	”Facilidade de contato. A maioria dos alunos utilizam”
Professor I:	“O <i>Facebook</i> como ferramenta de ensino me encantou. Quando pensei em usar nem imaginei que daria tão certo. Pensava até que ponto os alunos iriam entender que o Face na aula era para uso educativo e não pessoal. Mas as distrações acontecem inclusive em sala de aula, você está falando e o aluno no celular. Os desvios sempre acontecem, mas meu foco não era esse. Foi muito natural usar o <i>Facebook</i> ”.
Professor J:	“Ao meu ver, o <i>Facebook</i> é uma ferramenta que se assemelha com um AVA, porém em larga escala. Ou seja, é possível utilizar para fins estudos em grupo, estudos para um determinado concurso ou grupos de trabalho”
Professor K:	“Uso o <i>Facebook</i> por conta de ser uma rede social e ter como compartilhar mais recursos com outras pessoas e acesso”
Professor L:	“Já tentei usar o <i>Moodle</i> da UFAL, mas achei complicado e pouco intuitivo. A interação no <i>Face</i> é mais facilitada e as ferramentas limitadas `necessidade pedagógica”.
Professor M:	“Os alunos acessam mais, então a resposta é mais rápida”.
Professor N:	“Motiva alguns e outros não, mas todos que participam gostam do espaço de troca”.
Professor O:	“Eu precisava de algo que eles gostassem de usar, então pensei no <i>Facebook</i> e criei um grupo fechado, o meu <i>Moodle</i> ”.
Professor P:	“Suporte e upload de documentos que são recursos que não tenho no <i>Moodle</i> ”.
Professor Q:	“Encontro todos os alunos lá”.
Professor R:	“É a modalidade de rede que apresenta uma frequência diária de alunos”.
Professor S:	“Além da resposta rápida, os alunos reclamam do <i>Moodle</i> ”.
Professor T:	“Têm inúmeros aprendizados no Facebook, desde a concentração que ele (o aluno) pode ou não exercer, melhoria na competência para ler, ouvir, interpretar. Permite o aumento de pesquisas, gerando postagens inéditas, comparações de um mesmo tema, como tem sido a abordagem por diferentes grupos, e o aluno pode também, a partir do Facebook e do uso da internet em sala de aula, escrever mais, pois é instigado a escrever, comentar, interagir. A atuação dos alunos na internet precisa melhorar tanto nas questões éticas quanto na qualidade do texto escrito, com citações, formalidade, sem plágios e de acordo com as normas. Essa atuação precisa ser responsável”.
Professor U:	“O que falta no <i>Moodle</i> é atratividade, e o Facebook concorre com isso de forma muito cruel, hoje você entra no Facebook e mesmo sem nunca ter

	usado já sabe intuitivamente como ele funciona. No Moodle é uma complicação, o aluno não sabe onde postar, onde arquivar, os fóruns são abertos e o aluno não sabe que é pra postar lá, acaba criando outros tópicos, há um problema de configuração no Moodle que o Facebook acaba ganhando em aparência e agilidade”
--	--

Fonte: Dados da Pesquisa

Quadro 4 - *Facebook* motiva o aluno?

Professor A:	“Esta não é uma proposta do <i>Facebook</i> ”.
Professor B:	“Acredito que sim, inclusive os alunos me cobram ‘professor, ainda não postou o material’. É uma participação bem dinâmica, há uma consciência do lado qualitativo, pois as atividades no <i>Facebook</i> da minha disciplina não valem pontuação, eles participam por que gostam mesmo”.
Professor C:	“Facilita, não motiva”.
Professor D:	“Na minha opinião, o <i>Facebook</i> será utilizado como mais uma ferramenta de ensino, o mero uso do Face não, mas sim a qualidade e o tipo da atividade proposta”.
Professor E:	“O <i>Facebook</i> não é uma rede social voltada para educação, e muito embora venha sendo utilizada para tanto, não acredito em seu poder educacional, principalmente por existirem n fatores associados a ele capazes de desviar a atenção do aluno”.
Professor F:	“Vai depender da forma que seja utilizado, mas acredito que utilizando o <i>Facebook</i> em uma disciplina não vai trazer bons resultados, pois os alunos podem acessar outros recursos da internet e acabar tirando o foco do assunto”.
Professor G:	“sim, eles estão sempre conectados. É mais fácil encontrá-los por lá”.
Professor H:	“acho o <i>face</i> um ambiente mais social, o <i>Moodle</i> está equipado com ferramentas que ajudam a minha atividade acadêmica”.
Professor I:	“Depende, mas acho que misturar o pessoal com o profissional é ruim para o/a professor/a”.
Professor J:	“Acredito que sim, por ser mais pessoal, eles se sentem mais próximos do professor. Além disso, como já é uma rede que eles utilizam muito, não tem dificuldades em acessar, ler, comentar, enviar fotos e etc”.
Professor K:	“Depende de como o professor utiliza e de que forma irá conduzir a aula por lá”.
Professor L:	“Pode ser que sim, em função dessa leveza que o <i>Facebook</i> traz. Não tem um formato de Ambiente "escolar". Os alunos acessam com prazer, de maneira informal, para se atualizarem, desabafar, dividir uma alegria, só dar uma olhada e aí, se houver um canal de comunicação com os professores ou específico da turma (grupo fechado), eles acabam entrando e interagindo. E ainda podem mandar mensagens on-line para seus professores e receberem uma resposta rapidamente”.
Professor M:	“Tudo vai depender do trabalho do professor ou da professora. Não é a

	tecnologia em si que vai fazer a grande diferença. A diferença é se o professor usa a tecnologia de forma significativa. Um quadro com piloto pode proporcionar um trabalho interativo. Vai depender de como o docente entende a finalidade da educação. Para que deveria servir a educação e o sua compreensão sobre aprendizagem e avaliação”.
Professor N:	“Sim, nunca consegui fazer fóruns de discussão dentro do <i>Moodle</i> como consegui no <i>Facebook</i> , geralmente o <i>Moodle</i> tem grandes problemas de acesso e manutenção”.
Professor O:	“A interface é mais amigável e faz parte da vida dos alunos”.
Professor P:	“A motivação é de cada um. A forma e os recursos para utilização dos ambientes podem ser mais ou menos atrativos”.
Professor Q:	“A Interface não é neutra. Os alunos usam o <i>Facebook</i> para outros fins que não os educacionais. Mas, caso tenham alguma dúvida e tenham em sua rede o perfil do professor, entram em contato para tirar dúvidas, orientação de TCC, passar material, discutir sobre vídeos etc. É diferente do <i>Moodle</i> . O <i>Moodle</i> é por natureza um espaço acadêmico. A motivação para o acesso é distinta do <i>Facebook</i> . A maioria dos conteúdos que circulam no <i>Facebook</i> não tem finalidade didática alguma, inclusive boa parte desses conteúdos nem deveria circular na internet. O <i>Facebook</i> não substitui o <i>Moodle</i> . O <i>Moodle</i> é um ambiente acadêmico, no qual o aluno tem liberdade para expressar seus posicionamentos acadêmicos. O <i>Facebook</i> é um ambiente de entretenimento, no qual o aluno tem liberdade para TUDO, inclusive conversar com o professor.”
Professor R:	“Depende, lá eles têm interação constante, não somente na aula”.
Professor S:	“Depende dos alunos e do professor”.
Professor T:	“Depende, mas o <i>Facebook</i> une o espaço de entretenimento com o de aprendizado”.
Professor U:	“Motiva alguns e outros não. Mas todos que participam gostam do espaço de troca”.

Fonte: Autor (2016) - Dados da Pesquisa

Quadro 5: Vantagens do uso do Facebook

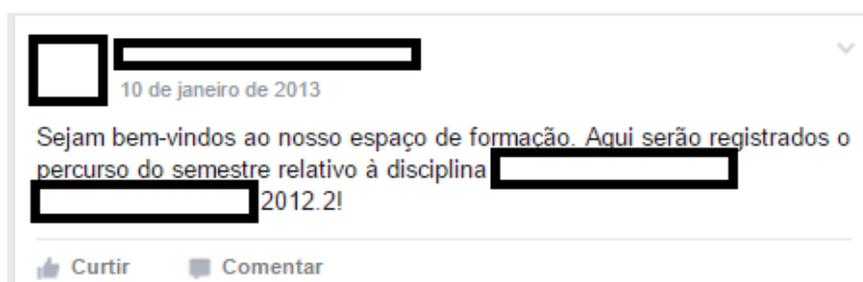
Professor A:	“O acesso é mais fácil e permanente, o <i>moodle</i> apresenta frequentes problemas técnicos. Devido as constantes atualizações”.
Professor B:	“Cria um espaço de dinâmica, trabalho com a teoria na sala e como o tempo é curto para discutir, problematizo na rede social, é uma extensão da sala de aula, muito rápida. Na mesma hora que eu posto, já visualizo quem curtiu, quem comentou e participou. Não deixo os alunos soltos, estou sempre participando”.
Professor C:	“Fácil acesso. É mais democrático”.
Professor D:	“ Não vejo vantagem em utilizar <i>facebook</i> para fins didáticos. A razão disto é que a possibilidade de distração do estudante é muito maior do que utilizando uma ferramenta mais apropriada e direcionada como o <i>Moodle</i> ”.

Professor E:	“É possível arquivar documentos, deixar material de estudo para os alunos. O ambiente é mais dinâmico e interativo que outras redes, inclusive que um <i>blog</i> . A interação entre alunos também é uma grande vantagem. Vejo muito mais vantagens no uso da rede social em relação ao <i>Moodle</i> . Se o <i>Moodle</i> tivesse a acessibilidade do <i>Facebook</i> , talvez melhorasse a usabilidade”.
Professor F:	“A única vantagem é que é uma rede social onipresente, praticamente todo mundo usa, logo é possível que todos os alunos (ao menos quase todos) façam uso dele”.
Professor G:	“É mais intuitivo e mais fácil de encontrar os alunos por lá”.
Professor H:	“Qualquer um pode gerar a sua conta e controlar o acesso”.
Professor I:	“Os alunos acessam, fazem <i>downloads</i> dos textos, curtem e comentam. É possível monitorar quantos visualizaram as postagens. Verificar as dúvidas pelos comentários, dar avisos rápidos, etc. Além disso, se você posta um vídeo, por exemplo, do youtube sobre o assunto da aula, quando ele for assistir ao vídeo, verá listadas ao lado, outras opções de vídeos relacionados ao assunto. Por ser uma ferramenta dinâmica, eles se interessam e chegam à aula, muitas vezes, com mais informação do que teriam num livro, por exemplo”.
Professor J:	“Rapidez, acesso fácil e velocidade”.
Professor K:	“Carrega fácil”.
Professor L:	“Não tem um administrador vigiando o que você faz ou não, pelo menos não é um dos participantes do grupo”.
Professor M:	“Contato direto com pessoas distantes, amizades mais frequente”.
Professor N:	“Respondo sim, mas não tenho pleno conhecimento das possibilidades de um de outro”.
Professor O:	“Facilidade de comunicação. Acredito que ainda temos muito a descobrir dos ambientes de redes. No momento tenho utilizado mais como comunicação-divulgação-comunicados, Compartilhamento de informações (dados, notícias, trabalhos)”.
Professor P:	“Facilidade, naturalidade e versatilidade”.
Professor Q:	“Rapidez na disponibilização dos materiais e atualização”.
Professor R:	“É um espaço ágil e com muitas ferramentas”.
Professor S:	“São muitas, além da sala de aula os estudantes podem ter a oportunidade de inúmeros aprendizados”.
Professor T:	“Fóruns riquíssimos, os alunos interagem mais na rede social”.
Professor U:	“Rapidez na comunicação e no feedback, liberdade de uso, interface amigável, possibilidade de interação”.

Fonte: Autor (2016) - Dados da Pesquisa

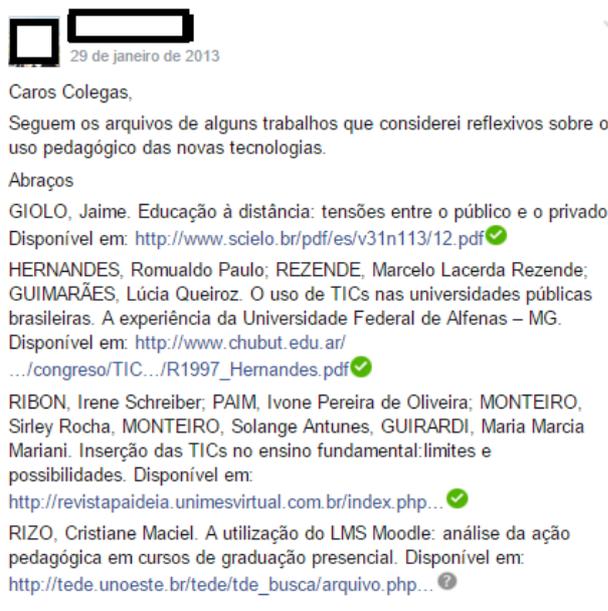
ANEXO D – RECORTES DAS INTERAÇÕES NOS GRUPOS ANALISADOS

Figura 10 Saudação ao grupo



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 11 Interações



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 12 Interações

[Redacted] Como aprendizado é válido - principalmente no caso de um curso como o da matéria, de quadrinhos. Mas pra quem quer agregar valor ao currículo tb, não sei se é uma boa apostar nesses cursos...

31 de janeiro de 2013 às 07:55 · Curtir · 2

[Redacted] Concordo [Redacted] pois ter conhecimento de algo não é o mesmo que ter crédito para falar sobre. Fazer cursos sem autorização/credenciamento dá quase no mesmo que a prática sem a teoria ou o contrário.

31 de janeiro de 2013 às 09:41 · Descurtir · 2

[Redacted] É o mesmo que ler um livro, vc até aprende, mas não tem comprovação disso.

31 de janeiro de 2013 às 09:48 · Curtir · 1

[Redacted] Legal meninas, mas será que o que encontra-se como foco é a validade? Será que ao buscar um curso online sem autorização/sem certificação eu só estou buscando certificação? Isso não seria coadunar com uma concepção de sociedade que visa uma "superespecialização"? Quando eu busco fazer um curso sem validação sobre as novas regras ortográficas (como eu já fiz) o que eu estava buscando? Vamos discutir mais em aula.

31 de janeiro de 2013 às 12:28 · Curtir

[Redacted] Mas é o que eu falei, como aprendizado é bastante válido, com certeza. Só que quando você vai passar por uma seleção, por exemplo, não vale, conta o que você tem no currículo e pode ser comprovado com certificado. Daí as vezes não vale a pena, se o curso for muito caro e você estiver querendo agregar valor ao seu portfólio, por exemplo.

31 de janeiro de 2013 às 12:31 · Curtir · 1

[Redacted] Num caso como esse, valeria juntar um grupo de amigos interessados no curso, dividir o valor e compartilhar o material.

31 de janeiro de 2013 às 12:32 · Curtir

[Redacted] Realmente é uma ideia bastante válida [Redacted] Mas a gente esbarra na questão "tempo", acredito que a título de informação fazer um curso sem certificação é bastante válido. Seria como ler um livro por prazer, sem um objetivo de devolutiva para algo, apenas por gostar de fazê-lo.

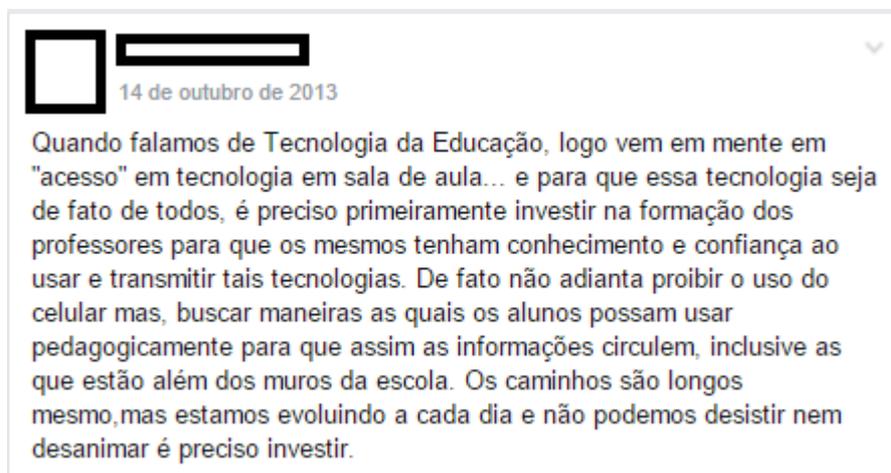
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 13 Abertura do grupo



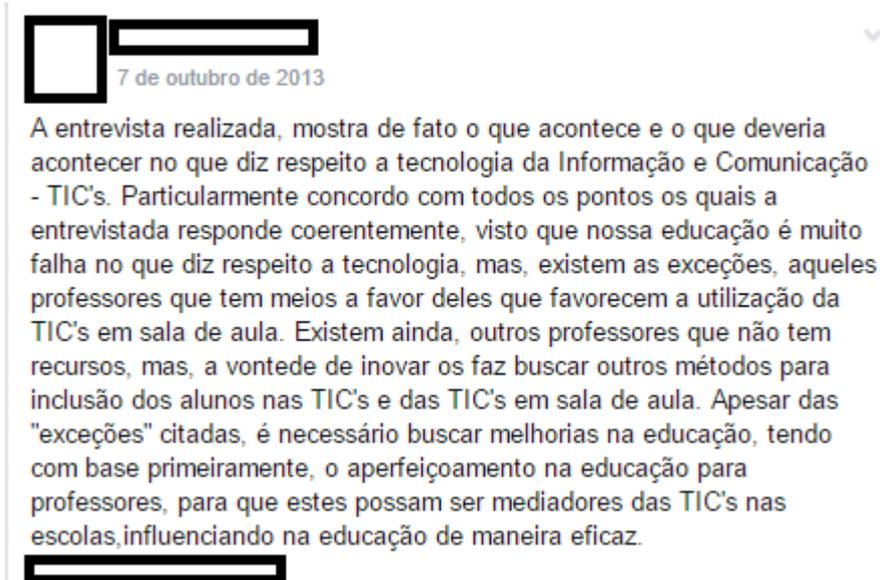
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/225839157570884/>, acesso em 10 Fev. 2016

Figura 14 Comentário de aluno



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/225839157570884/>, acesso em 10 Fev. 2016

Figura 15 Comentário de aluno



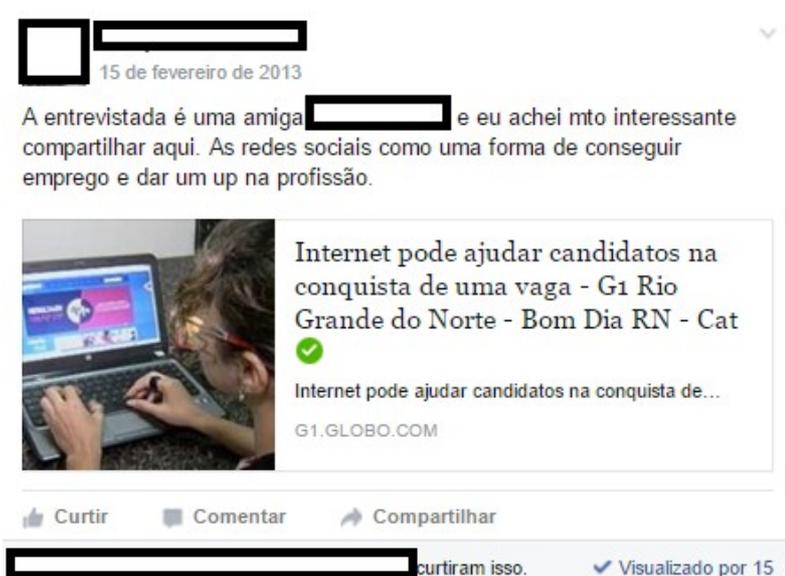
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/225839157570884/>, acesso em 10 Fev. 2016

Figura 16 Interações



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 17 Interações



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?ref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

O espaço da rede social também foi utilizado para motivar os alunos, conforme ilustração a seguir:

Figura 18 Comentário de professor



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/225839157570884/>, acesso em 10 Fev. 2016

Figura 19 Interações

 [Redacted] carregou um arquivo.
29 de janeiro de 2013

Bom dia pessoal,
segue em anexo o arquivo da nossa apresentação (minha e da [Redacted])

Uma dica importante são os textos (para quem não conhece) do José Manoel Moran, disponíveis no site
<http://www.eca.usp.br/prof/moran/index7.html> ✓ ... Ver mais

 **seminário tic.ppt**
Apresentação

[Baixar](#) [Visualizar](#) [Carregar revisão](#)

 Curtir  Comentar

[Redacted] curtiram ✓ Visualizado por 15
isso.

 [Redacted] Obrigada, [Redacted]
29 de janeiro de 2013 às 07:50 · Curtir

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 20 Interações


31 de janeiro de 2013

Boa noite turma.

 e eu  estamos nos preparando para o próximo seminário, nesta sexta-feira. Passaremos do seminário 1 (educação formal - EAD nas escolas e universidades) para o seminário 2 (educação NÃO- formal). Assim, caso seja possível assistam aos vídeos para chegarmos na sexta já com problematizações.



CNJ Educação Corporativa
 (05/01/12)


A partir de fevereiro, o Conselho Nacional de Justiça abre mil vagas de cursos à distância para servidores do Judiciário em todo país.

YOUTUBE.COM

 Curtir
  Comentar
  Compartilhar

 curtiram isso. Visualizado por 15

Ver mais 1 comentário

  é isso  Inovar sempre...
 31 de janeiro de 2013 às 14:26 · Curtir ·  1

  A apresentação foi ótima 
 7 de fevereiro de 2013 às 13:09 · Curtir ·  1

 Marcela Fernandes Obrigada 
 7 de fevereiro de 2013 às 13:46 · Curtir

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 21 Interações


16 de fevereiro de 2013

Caros colegas, segue alguns artigos sobre o uso de mídias sociais na educação.

no link <http://tecnoarteneews.com/.../44-trabalhos-discutem-midias-so.../> , vocês podem encontrar outros trabalhos sobre o tema.

TecnoArteNews - TecnoArteNews 

44 trabalhos discutem "Mídias Sociais: Saberes e Representações" durante o Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade Postado em: outubro 05, 2011 Em: Encontros, Eventos, Publicação, Share|Comentários : 0 Tweetar Ao todo 44 trabalhos, divididos em 5 Grupos de Trabalhos (Mídias Sociais: Interações...

TECNOARTENEWS.COM

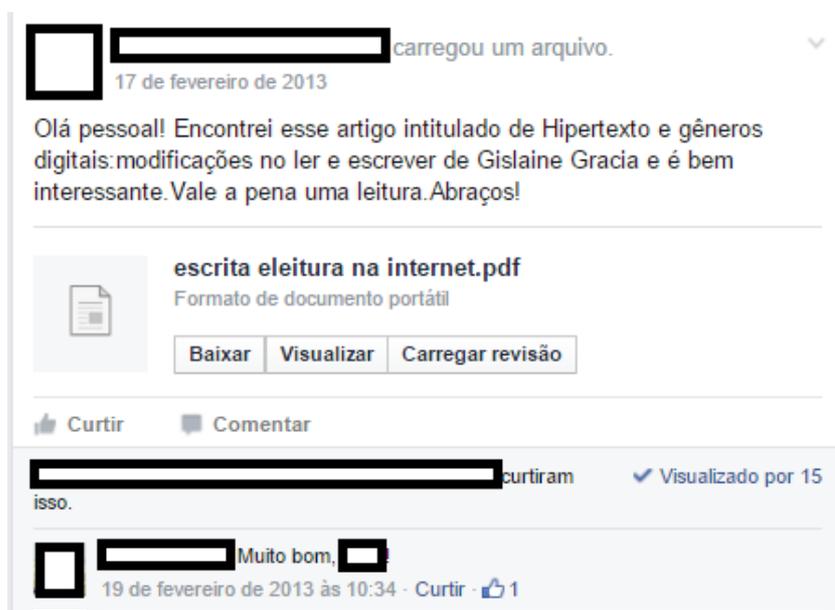
 Curtir
  Comentar
  Compartilhar

 curtiram isso. Visualizado por 15

  Valeu 
 17 de fevereiro de 2013 às 22:44 · Curtir

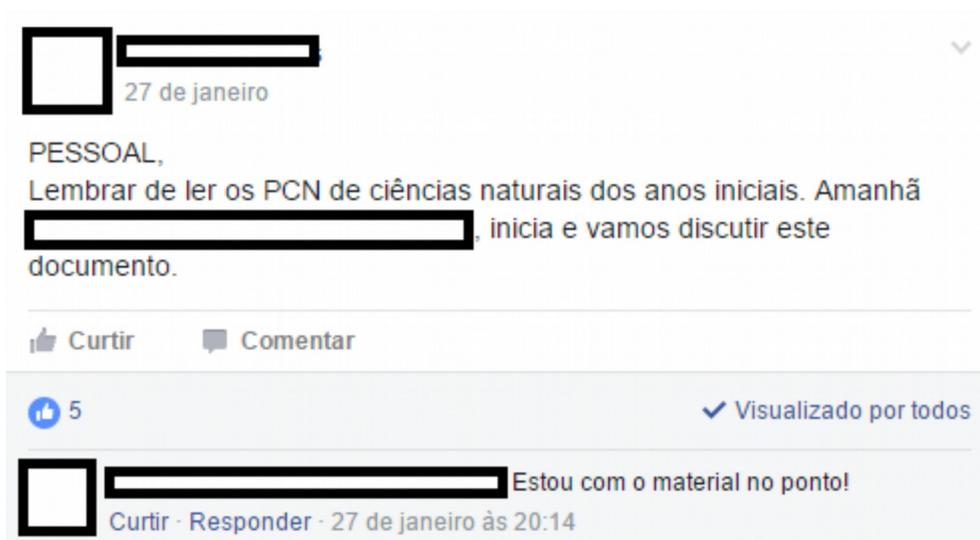
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 22 Interações



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>, acesso em 25 jan. 2016

Figura 23 Interações



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/942412109115856/?fref=ts>, acesso em 20 abr. 2016.

Figura 24 Interações

The image shows a screenshot of a Facebook post and its comments. The post is from a user whose name is redacted with a black box. The post text reads: "UNIVERSIDADES CORPORATIVAS: O QUE SÃO E PARA QUE SERVEM?" followed by "A quem interessar...". Below the text is a PDF document titled "Ler.pdf" with the subtitle "Formato de documento portátil". There are three buttons: "Baixar", "Visualizar", and "Carregar revisão". Below the post are interaction options: "Curtir" (with a thumbs-up icon) and "Comentar" (with a speech bubble icon). A notification bar indicates that 15 people have liked the post. Below the post are three comments, each from a user whose name is redacted. The first comment, dated 18 de fevereiro de 2013 às 21:07, says "muito bom e importante texto," and has one like. The second comment, dated 19 de fevereiro de 2013 às 11:44, discusses the alignment of university courses with the labor market and has one like. The third comment, dated 20 de fevereiro de 2013 às 10:19, discusses the gap between theory and practice in public universities and has two likes.

[Redacted] carregou um arquivo.
14 de fevereiro de 2013

"UNIVERSIDADES CORPORATIVAS: O QUE SÃO E PARA QUE SERVEM?"
A quem interessar...

Ler.pdf
Formato de documento portátil

Baixar Visualizar Carregar revisão

Curtir Comentar

Visualizado por 15
curtiram isso.

[Redacted] muito bom e importante texto.
18 de fevereiro de 2013 às 21:07 · Curtir

[Redacted] Colegas, vocês acham que os projetos político pedagógicos dos cursos das universidades públicas (e acadêmicas), inclusive da [Redacted], não estão "sintonizados" com o mercado de trabalho? O texto nos leva a refletir sobre um tema muito complexo no âmbito da formação universitária...uma grande polêmica nas discussões sobre currículo.
19 de fevereiro de 2013 às 11:44 · Curtir · 1

[Redacted] Por causa do discurso dentro da maioria das Universidades Públicas no país, que aponta o mercado de trabalho como algo nocivo, há um distanciamento entre prática e teoria. É hipocrisia distanciar as duas propostas, poucos vão à universidade apenas para conhecer teorias, pois quem banca o estudante dentro e fora das universidades? O capital, ora!
20 de fevereiro de 2013 às 10:19 · Curtir · 2

<Fonte: <https://www.facebook.com/groups/394413270645817/?fref=ts>>. Acesso em: 25 jan. 2016

Figura 25 - Interações

2 de fevereiro

Caro(a) colega!
Palestra do Professor Attico Chassot- "O que é Ciência, afinal?"
O que é Ciência, afinal? O que é Tecnologia ? E o que é alfabetização Científica?... Ver mais

Attico Chassot - "O Que é Ciência, afinal?"
Palestra de encerramento do V Encontro Baiano de Química, realizado pelo Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do...
YOUTUBE.COM

Curtir Comentar Compartilhar

e outras 5 pessoas Visualizado por todos

Obrigado [redacted] por mais um recurso extraordinário. O vídeo é muito bom.
Curtir - Responder - 2 de fevereiro às 11:07

<Fonte: <https://www.facebook.com/groups/942412109115856/?fref=ts>>. Acesso em 20 abr. 2016.

Figura 26 - Interações

criou o grupo.
18 de janeiro

Curtir Comentar

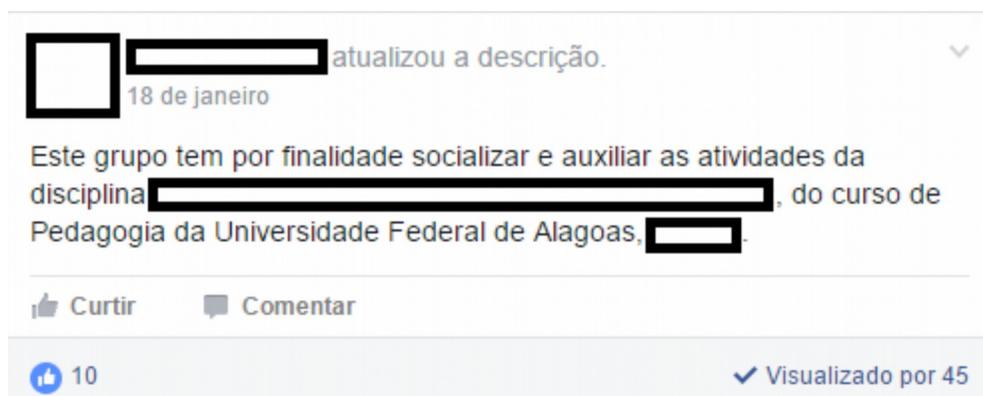
Visualizado por 45

Boa noite! Professor, por gentileza, disponibiliza o texto. Grata...
Curtir - Responder - 1 - 21 de janeiro às 18:50

E também o modelo de relatório se possível! Obrigada!
Curtir - Responder - 3 - 23 de janeiro às 11:06

<Fonte: <https://www.facebook.com/groups/942412109115856/?fref=ts>>. Acesso em 20 abr. 2016.

Figura 27 - Interações



Fonte:

<<https://www.facebook.com/groups/942412109115856/?fref=ts>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Figura 28 - Interações



Fonte:

<<https://www.facebook.com/groups/942412109115856/?fref=ts>>. Acesso em 20 abr. 2016.